



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS EDUCATIVAS**

ERICA DE LIMA DE MATOS

**MARIA FIRMINA DOS REIS: educação e os escritos na imprensa de uma
maranhense no século XIX**

**IMPERATRIZ
2024**

ERICA DE LIMA MATOS

**MARIA FIRMINA DOS REIS: educação e os escritos na imprensa de uma
maranhense no século XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Lima de Matos, Erica.

Maria Firmina dos Reis:educação e os escritos na
imprensa de uma maranhense no século XIX / Erica de Lima
de Matos. - 2024.

77 p.

Orientador(a): Dimas dos Reis Ribeiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Educação e Práticas Educativas - Ppgepe/ccim, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Educação. 2. Gênero. 3. Raça. 4. Maria Firmina
dos Reis. I. dos Reis Ribeiro, Dimas. II. Título.

ERICA DE LIMA MATOS

**MARIA FIRMINA DOS REIS: educação e os escritos na imprensa de uma
maranhense no século XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação Formação Docente em
Práticas Educativas do Centro de Ciências
Sociais de Imperatriz como requisito para
obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis
Ribeiro.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Orientador)
Doutor em Serviço Social
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.^a Dra. Carolina Christiane de Souza Martins (Membro Titular Externo)
Doutora em História
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof.^a Dra. Herli de Sousa Carvalho (Membro Titular Interno)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dedico aos que se foram, mas ficaram; que se permitiram ficar. Que de alguma forma, deixaram sua marca na história, nos livros ou na vida daqueles que os amava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo ao meu Deus, Aquele que me sustentou e me sustenta em cada momento de minha vida. Agradeço também aos meus pais, Maria Alcione e Erinaldo Matos, aqueles que me deram a vida e que deram sua prova de amor em todos os momentos, bem como aos meus pais do coração, Marta e Coronel Guilherme Ventura (in memoriam). Agradeço ainda àqueles que me estimularam e que me fizeram acreditar em minha capacidade, e que me fizeram enxergar cada vez mais a mudança de vida através do conhecimento.

Sou grata pelos meus irmãos, Mário Meneses, Elida Matos, Erik Matos, Ellen Matos, também às minhas sobrinhas Ana Luísa e Isabela Meneses e a todos os amigos pelos momentos de alegria.

Às pessoas que me incentivaram na caminhada desse mestrado, em especial meu namorado Mário Gabriel Costa Ramos, que nunca me deixou desistir e caminhou sempre comigo, me incentivando e apoiando em todos os momentos de dificuldades.

Agradeço as pessoas que conheci durante o curso e que trouxeram um pouco mais de leveza a essa caminhada, tornando-se amigos e companheiros de vida, entre os quais destaco Karliane Chaves e Sandra Ramos, a quem sou grata por cada troca e pelos incentivos.

Gratidão às minhas amigas Hana Reis, Marize Borgneth, Giuliana Araújo, Vitória Pacheco, que sempre me estimularam a crescer e que contribuíram para que eu tivesse dias mais felizes.

Gratidão especial aos meus professores e mestres por todos os ensinamentos não apenas acadêmicos, mas ensinamentos que levarei para a vida. Mestres esses, que de forma incansável, têm o propósito de nos fazer despertar e refletir, sempre estimulando-nos a fazermos do mundo um lugar melhor através da educação.

Gratidão a todos que estiveram comigo nessa jornada de vida, e que sei que estarão em muitas outras caminhadas, o meu muito obrigada!

Minha gratidão também em memória de Maria Firmina dos Reis, essa mulher que se foi, mas ficou. E que me fez ter outro olhar a respeito da educação feminina e, sobretudo, a história do meu Estado, fazendo-me perceber que a história e as bem-feituras não se acabam com a morte, pois essa é apenas o começo de uma nova história para os que ficam.

*Maranhão! Açucena entre verdores,
Gentil filha do mar – meiga donzela,
Que a nobre fronte, desprendida a
coma,
Dos seios do Oceano levantaste!
Quanto és nobre, e formosa –
sustentando
Nas mãos potentes – como cetro de
ouro,
O Bacanga caudal, - o Anil ameno!
O curso de ambos tu, Senhora-
domas,
E seus furores a teus pés se
quebram. (...)
(Maria Firmina dos Reis)*

RESUMO

MATOS, Erica. MARIA FIRMINA DOS REIS: EDUCAÇÃO E OS ESCRITOS NA IMPRENSA DE UMA MARANHENSE NO SÉCULO XIX.

Linha de Pesquisa: Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares.

Maria Firmina dos Reis emergiu como uma figura central na literatura, educação e imprensa do Brasil no século XIX. Como uma mulher negra nascida de uma família de escravos libertos, sua trajetória é marcada por desafios e conquistas significativas. Maria Firmina não só se destacou como escritora e educadora, mas também como uma importante voz no meio jornalístico do Maranhão, utilizando a imprensa como plataforma para advogar por mudanças sociais. Suas contribuições na imprensa foram essenciais para a disseminação de ideias abolicionistas e para a promoção da igualdade racial. Através de seus artigos e ensaios, Maria Firmina explorou e denunciou as injustiças da escravidão, defendendo ardentemente a liberdade e os direitos dos afrodescendentes. Seu trabalho jornalístico proporcionou um espaço de visibilidade para questões que afetavam diretamente a comunidade negra e outras populações marginalizadas, ampliando o alcance de sua influência além da literatura. Maria Firmina dos Reis é amplamente reconhecida pelo seu romance "Úrsula", o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, que além de suas obras literárias, seus textos jornalísticos são um testemunho do seu compromisso com a transformação social. Sua atuação multifacetada e pioneira no jornalismo maranhense não apenas informa sobre as lutas e resistências de seu tempo, mas também inspira as gerações futuras na contínua busca por justiça e igualdade.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Imprensa. Raça. Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

MATOS, Erica. MARIA FIRMINA DOS REIS: EDUCATION AND THE WRITINGS IN THE PRESS OF A WOMAN FROM MARANHÃO IN THE 19TH CENTURY.

Line of research: Pluriculturalism, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practices.

Maria Firmina dos Reis emerged as a central figure in Brazilian literature, education, and journalism in the 19th century. As a Black woman born to a family of freed slaves, her journey is marked by significant challenges and achievements. Firmina dos Reis not only distinguished herself as a writer and educator but also became an important voice in the Maranhão press, using it as a platform to advocate for social change.

Her contributions to the press were essential for the dissemination of abolitionist ideas and the promotion of racial equality. Through her articles and essays, Maria Firmina explored and condemned the injustices of slavery, ardently defending the freedom and rights of Afro-descendants. Her journalistic work provided visibility to issues directly affecting the Black community and other marginalized populations, extending her influence beyond literature. Firmina is widely recognized for her novel "Úrsula," the first abolitionist novel in Brazilian literature. In addition to her literary works, her journalistic texts testify to her commitment to social transformation. Her multifaceted and pioneering role in Maranhão journalism not only informs about the struggles and resistances of her time but also inspires future generations in the continued pursuit of justice and equality.

Keywords: Education. Gender. Race. Maria Firmina dos Reis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Residência de Maria Firmina dos Reis na praça Luís Domingues. ...	27
Figura 2: Quadro atribuído a Maria Firmina dos Reis, feito a partir de autores conhecidos. Exposto em Acervo de Guimarães..	Erro! Indicador não definido.
Figura 3: Quadro representando Maria Firmina dos Reis, realizado pelo artista Tom Neves, em 2022.	Erro! Indicador não definido.
Figura 4: Lápide Superior do Túmulo de Maria Firmina dos Reis (Guimarães, 2024).	32
FIGURA 5: Epitáfio do Túmulo de Maria Firmina dos Reis (Guimarães,2024).	33
FIGURA 6: Páginas Do Jornal O Jardim Das Maranhenses.	51

LISTA DE ABREVIATURAS

PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
MA	Maranhão
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2. FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISADORA	11
3. MARIA FIRMINA DOS REIS, UMA MULHER DO SÉCULO XIX	18
3.1 A PROFESSORA ESCRITORA E SUA ATUAÇÃO NA SOCIEDADE MARANHENSE OITOCENTISTA.....	24
4. CONTEXTO HISTÓRICO DA VIDA E EDUCAÇÃO DAS MULHERES NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO	33
4.1 IMPRENSA E OUTRAS HISTÓRIAS.....	46
5. PRODUTO DA PESQUISA	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS	60

1. INTRODUÇÃO

Maria Firmina dos Reis desempenhou muitas atividades no Maranhão. Foi professora, escritora, poetisa, transitou pelas diversas áreas, não se limitou ao que era o destino das mulheres da época, destino esse que era baseado na maioria das vezes nos afazeres domésticos. Eram elas que deveriam exercer as atividades relacionadas ao lar, como cuidar dos membros da família, cozinhar, lavar as roupas etc. (CUNHA, 2014), estabelecidas a elas pela sociedade. Como mulher, não se conformou com o professorado na cidade de Guimarães, o que já era de grande destaque na sociedade da época, e atuou de forma vivaz na imprensa maranhense do século XIX, até sua morte em 1917.

A história da Imprensa maranhense teve início muito antes de Maria Firmina, entretanto, sua participação teve deveras importância para a comunidade feminina, levando em consideração a luta pelo direito a participação nos jornais e na vida pública. A escrita de Maria Firmina, mesmo se revelando à sociedade apenas como “Uma maranhense”, já se fez presente a figura da mulher no meio jornalístico, considerando o momento e contexto que viviam os jornais oitocentistas, onde a marca registrada, era a não divisão entre os setores do jornalismo, como a política e a literatura. Assim, as portas dos jornais foram abertas para os diversos contextos dos saberes.

Os jornais e revistas divulgavam poemas, contos, romances seriados, críticas literárias, ensaios, resenhas, entre outros, e caracterizavam-se pela simbiose entre jornalismo e literatura, o que levou à incorporação de características “literárias” aos gêneros especificamente jornalísticos, a exemplo, de editoriais, artigos de fundo, reportagens, entre outros (ADLER, 2022, p.150).

Assim, o jornalismo oitocentista é levado a uma conjuntura mais acessível, tirando um pouco da posição apenas de informativo, conduzindo o jornal a um novo público, os quais poderiam apreciar uma boa literatura e poderiam conhecer escritores.

Desse modo, esse trabalho dedica-se sobre a trajetória de Maria Firmina dos Reis na imprensa e educação oitocentista, pois foi nesse contexto de vida e educação que Firmina iniciou sua caminhada como colaboradora na imprensa

daquela época, publicando seus poemas, músicas, contos e sendo anunciados os seus livros, como foi o caso da divulgação de Úrsula.

E assim, desde os oitocentos, Maria Firmina nos mostra a presença importante de outros sujeitos na sociedade. Trouxe à tona em seu destaque nos jornais a figura dos negros escravizados, da educação e figura das mulheres daquela época, e assim como coloca Arroyo, 2012, ela coloca o foco nos sujeitos sociais, como as mulheres e negros. Firmina nos faz refletir sobre uma reeducação a sociedade daquela época, fazendo com que através de seus livros as pessoas despertassem um senso crítico, conduzindo-os a olhar para esses outros sujeitos que estavam naquela sociedade, mas eram excluídos, totalmente invisíveis, embora devessem ter seu espaço de fala.

O principal problema que guiou essa pesquisa foi o fato de como uma mulher negra conseguiu se manter ativa na imprensa oitocentista, em uma época em que a educação feminina era algo estrito às famílias de posse e aos homens. E mesmo levando em consideração que a imprensa oitocentista estava vivendo uma nova fase, momento esse em que muitos homens, como Sotero dos Reis estava aberto à participação feminina nos jornais e no meio social, partindo dessa conjectura, as mulheres nesse momento também estavam em busca do seu espaço nos jornais.

Desse modo, tais questões são levadas em consideração para o acesso de Maria Firmina dos Reis à imprensa, bem como o seu concurso de professora de Primeiras Letras, o que a diferenciava das demais mulheres da época. Questiona-se também a sua relação de proximidade com Sotero dos Reis, que possuía influência nos jornais da época, sendo ele “um dos jornalistas mais importantes para consolidação da opinião pública e difusão da atividade letrada, bem como do gosto pela leitura na província do Maranhão, no século XIX” (Martins, 2010, p.108). Isto o ajudou a se consagrar como pessoa de grande influência no Estado e que contribuiu de forma significativa para toda a sociedade e também na vida de Maria Firmina.

E entende-se que essa relação de Sotero dos Reis e Maria Firmina teve um papel fundamental para a permanência dela no meio da imprensa, pois é possível notar um decaimento em suas publicações nos jornais após a morte dessa figura importante para a imprensa. Dessa maneira, procura-se entender a trajetória do início de sua vida, sua educação como mulher, pessoa negra e de

família pouco abastada, mas que vivia imersa nas questões de raça e gênero no Maranhão.

Diferente de muitas outras pesquisas que trazem a figura literária de Maria Firmina, seus livros, que tanto falavam à sociedade daquela época, e que nos falam até os dias atuais, nos revelando com riquezas de detalhes acontecimentos do século XIX através de contos e romances, trazendo a figura dos negros, que tinham sido tirados de suas terras, de suas famílias e que tanto sofriam como escravos, traz também em sua literatura o contexto de vida e educação das mulheres, fatos importantes para a história social e cultural.

Entretanto, procuramos recuperar a trajetória de Maria Firmina dos Reis no ambiente da imprensa, onde exerceu um papel de qualidade, e procurando entender sua empreitada no caminho que a levou para a imprensa e influências que estiveram junto a ela no meio jornalístico, levando-a a ter uma carreira bem-sucedida na literatura.

Vivemos em uma nova conjuntura a qual a literatura e vida de literatos afro-descentes, como é o caso de Maria Firmina, ganharam um novo espaço nos estudos acadêmicos e escolares. A exemplo disso temos as novas edições dos livros *Úrsula*¹ e *A escrava*², os quais começaram a ser leituras obrigatórias nos vestibulares, como ocorreu na Universidade Estadual do Maranhão do Sul (UEMASUL), onde em 2022 tiveram como obrigatoriedade a leitura de *A escrava*, o que contribuiu para uma maior circulação nas universidades/ estudantes sobre vida e obras da escritora negra maranhense.

Para que nossos propósitos se concretizem, a pesquisa tem como objetivo principal: Analisar a temática educacional do século XIX, assim como as consonâncias da vida de Maria Firmina dos Reis, além dos objetivos específicos

¹ O livro *Úrsula* publicado em 1859, primeiro romance abolicionista. A obra aborda temas como a escravidão, racismo, opressão de gênero e a violência social. O enredo conta a história de Úrsula uma jovem órfã e de saúde e Tancredo um rapaz que se apaixona por ela, no primeiro momento Úrsula parece se tratar apenas um simples romance, mas o que o diferencia de todos os livros daquela época é o seu fundo social e político que permeava toda a narrativa. A crítica ao racismo e a escravidão são pontos centrais em seu livro, assim como a violência moral e psicológica, expondo também a hipocrisia e a desumanização da sociedade escravocrata. Maria Firmina foi pioneira também ao dar voz a Túlio e Suzana ao contarem sua história e o modo desumano como foram arrancados sem piedade de suas famílias e de sua terra.

² Já o conto *A Escrava*, Maria Firmina deixa ainda mais clara a sua crítica a escravidão, na narrativa, Maria Firmina mostra o qual desumano e cruel é o sistema escravocrata, fazendo um apelo pelo fim do regime. Mesmo sendo uma história curta, Maria Firmina reafirma sua oposição intransigente à escravidão e sua defesa pelos direitos dos negros, denunciando os maus feitores e suas atrocidades e dando o devido local de fala aqueles que tanto foram silenciados.

descritos a seguir: Caracterizar o contexto histórico do jornal do século XIX; o papel e desempenho que Maria Firmina dos Reis teve nos jornais oitocentistas; as possíveis contribuições que Sotero dos Reis deu a Maria Firmina para suas publicações nos periódicos; produzir *livreto* contando a história de Maria Firmina de forma simples e dinâmica para crianças, contendo ilustrações.

A metodologia aplicada para a realização da pesquisa foi a qualitativa: se trata de uma pesquisa bibliográfica e documental com foco na pesquisa indiciária, em que serão analisados jornais dos períodos em que houve publicações de Maria Firmina dos Reis.

Serão observados poesias, contos e composições escritos por uma mulher negra em um período em que havia grandes discussões sobre a participação do gênero feminino na educação e sua atuação na vida pública, como escrever para os jornais, atividades que eram exclusivas para homens.

Sobre o produto técnico resultante dessa pesquisa, foi elaborado um *livreto* contendo história infantil com desenhos e atividades, com foco em alcançar a educação infantil, assim estimulando a alfabetização de crianças pequenas, apresentando a elas um pouco da história de Maria Firmina e estimulando a leitura através das atividades.

Por conseguinte, estruturamos a dissertação em quatro capítulos, onde o primeiro se trata da introdução, norteando as principais ideias do trabalho, assim como a metodologia aplicada. O segundo se trata de um recorte de lembranças da autora dessa pesquisa, intitulado “formação e construção de uma pesquisadora”, escrito em primeira pessoa para que seja compreendido como se deu todo processo de educação da autora da pesquisa e como iniciou a pesquisa sobre Maria Firmina dos Reis.

O terceiro capítulo refere-se à fundamentação sobre a biografia de Maria Firmina, nominado como “Maria Firmina dos Reis, uma mulher do século XIX”, trazendo o histórico de vida e todo o seu desempenho como educadora, escritora, revendo também os pensamentos de igualdade e dignidade humana que Firmina defendia, em um período no qual não havia na alta roda espaço de fala para as mulheres, negros e indígenas, pessoas que viviam totalmente à margem da sociedade. Os principais autores desse capítulo são Gomes (2022), Morais Filho 1975), Cruz, Matos e Silva (2018), Ângelo (2017).

A partir do terceiro capítulo, também vamos destacar algumas informações que foram difundidas por décadas sobre a escritora, muitas de forma errônea, mas que ainda há lugar para breves discussões, como é o caso do seu registro de nascimento e a sua mudança para assumir o concurso público, além de trazer a figura da escritora como alguém que tinha objetivos e foi em busca deles através da educação.

No quarto capítulo nos aprofundamos nas questões educacionais do século XIX, educação essa que as mulheres da época recebiam, e que Maria Firmina não estava inserida por ser negra e não vir de uma família com posses. Mas é importante compreender o contexto histórico no qual Firmina estava inserida, para cada vez mais valorizarmos a professora e escritora maranhense, a quem podemos nos referir como autodidata. Nesse capítulo, também vamos dar destaque a imprensa maranhense, com foco destinado ao sexo dito 'frágil', onde se encaixa Maria Firmina dos Reis, escritora, com suas poesias, contos e livros. Destacamos também a imprensa maranhense, que ao longo dos anos exerceu grande influência sobre os acontecimentos da sociedade e que ditava as "normas" de um povo.

E, a partir desse capítulo, será realizado o e-book, pois esse consiste em apresentar para a comunidade, de forma simples e didática Maria Firmina dos Reis, apresentando sua biografia, algumas poesias e o conto a Gupeva na íntegra, para que assim, a sociedade tenha contato com a escritora.

Por fim, temos a conclusão, onde destacamos os objetivos propostos, se foram alcançados, assim como o produto que será apresentado ao curso de mestrado da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

2. FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISADORA

“Somos o lugar onde nós fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos.” Miguel Arroyo

Toda história tem um começo. Frequentemente pegamos a história pela metade, correndo com o tempo, mas para mim, tudo se deu início com meus pais, dois jovens que muito cedo tiveram que saber lidar com a perda e o abandono, nascidos em famílias modestas e desestruturadas. Minha mãe, mulher negra, sofreu desde muito cedo, sem o conforto de uma vida financeiramente tranquila ou uma boa educação, lidando desde cedo com o pai alcoólatra e agressivo.

Quando mocinha, minha mãe suportou a maior das dores, que foi o divórcio dos pais e a separação dos irmãos, pois as quatro crianças foram distribuídas em casas de conhecidos, enquanto sua mãe, minha avó, tentava a vida em Brasília, sem sucesso, pois não conseguia sustentar todos os filhos no interior do Maranhão.

Minha infância foi razoavelmente tranquila e saudável. Na escola, sempre fui boa aluna e tirava boas notas. Vivi em um ambiente familiar saudável, onde minha mãe sempre esteve presente, exercendo papel crucial na minha educação, pois durante minha infância não frequentei a escola por um ano, pois mudei de cidade algumas vezes devido a questões de trabalho do meu pai. Com isso, pude ser matriculada apenas aos sete anos na antiga Primeira série e durante esse período que não frequentei a escola, minha mãe esteve presente me alfabetizando.

Minha mãe é a pessoa que mais admiro, pois mesmo com algumas dificuldades financeiras e problemas que carregava da família dela, (separação dos pais quando era bem jovem), além de ter sido de certa forma abandonada por eles, pois minha avó não teve condições de permanecer com os quatro filhos, entregando-os aos vizinhos para tentar a vida em Brasília. Meu avô era alcoólatra e mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, minha mãe nunca deixou que isso afetasse minha educação e de meus irmãos, sendo sempre forte e desempenhando o papel de mãe de maneira louvável, apesar de ter se deparado com a maternidade tão precocemente, aos dezessete anos. Mas nem

tenra idade, tampouco os outros problemas a impediram de ser boa mãe e cuidar dos filhos.

Meu pai, da mesma forma, desde muito cedo precisou caminhar por conta própria, sendo também fruto de um casamento fracassado, sofrendo abandono dos pais e vivendo como agregado na casa de familiares. Com tudo isso, teve de se dedicar muito cedo ao trabalho em fazendas e sem o estímulo de uma família para colocá-lo em uma escola. Aprendeu ler muito pouco e silabando, adquirindo os conhecimentos que apenas a vida e o trabalho lhe concederam.

Nasci em uma pequena cidade do interior do Maranhão, chamada Cidelândia, no ano de 1997. Venho de uma família acolhedora e humilde, sou a filha mais velha de uma prole de quatro. Tive uma infância rodeada por amigos, com muitas brincadeiras e sempre com a presença dos meus pais Maria Alcione Moreira de Lima e Erinaldo Vieira de Matos, que sempre me acompanharam e me guaiaram, sempre cuidando para que me tornasse boa, honesta e tivesse princípios e valores, os quais carrego até hoje. Como consequência desses ensinamentos, procuro sempre andar de acordo com aquilo que acredito.

Desde muito cedo aprendi a nunca desistir da vida, mesmo que por muitas das vezes senti-me frustrada, com vontade de desistir, mas com a ajuda de Deus e de minha família, pude superar os obstáculos que surgiram até aqui. Devido aos princípios a mim transmitidos e minha fé em Deus, me apaixonei pela música (Sorria- Louvor Comunidade das Nações), que em um trecho, diz: *“Sorria, não há mais porque chorar, a tempestade já se acalmou, olhe para o céu lá fora e veja o dia que surgiu ... Nunca desista da vida, tudo é possível ao que crer, sempre existe uma saída, Deus não se esqueceu de você”*. por várias vezes ela foi refúgio, me reanimou em momentos e me fez erguer a cabeça para ver o mundo e saber que eu tinha muito mais a conquistar, a esquecer o que tinha se passado, esquecer as mágoas, as marcas de um abuso que deixaram em mim e seguir em frente.

Compreendo agora que o que sou hoje é devido a todas as boas e más experiências, pois hoje só restam cicatrizes, que posso olhar e dizer que estou curada, pois consigo lembrar do passado e não mais sentir dor. Ele está lá apenas como uma lembrança não tão agradável, que me leva a ajudar outras pessoas e a ser empática.

Portanto, me enxergo hoje como uma pedra preciosa, uma pérola, que dentro de uma ostra (a vida) pude ser moldada, machucada, mas que pude sair vitoriosa, radiante e que com as alegrias do presente posso esquecer de todo o sofrimento. E hoje posso, assim como as pérolas que adornam as mulheres, adornar pessoas, posso amar, ser feliz e fazer pessoas felizes, mas sempre com a certeza que sou vencedora.

As lembranças que guardamos da infância, as vezes podem parecer confusas e por vezes não podem ser bem relatadas.

Meu primeiro contato com o ambiente escolar, não tenho muitas recordações, apenas sei que foi em uma creche. Tenho uma vaga recordação de uma apresentação de Dia das Mães, onde não tenho certeza se realmente lembro ou se foi criado pela minha imaginação, ao ouvir os relatos de minha mãe, que conta que recitei uma poesia com maestria. Mas com pouco tempo nessa creche, mudei para a cidade Buriticupu, onde não havia creches e as crianças só poderiam estudar a partir dos 7 anos, na antiga 1ª série. Como fui ensinada em casa pela minha mãe, não tive dificuldades quando voltei para a escola.

Minha primeira professora chamava-se Francisca Silva e não tenho lembranças dela, para dizer se era boa ou não. Apenas lembro que algumas vezes fiquei na escola sozinha, pois precisava usar óculos, mas ninguém se atentou a isso, e como demorava bastante tempo para copiar no caderno o que a professora tinha colocado no quadro, chegava a hora de todos irem embora e eu ficava sozinha terminando de escrever em meu caderno.

No meu segundo ano do ensino fundamental, tive como professor Antônio José, que também não possuo muitas lembranças, mas a lembrança que tenho deixou sua marca, a que nunca foi esquecida. Lembro como se fosse hoje, nesse exato momento. O professor passou uma atividade de matemática, uma tarefa simples, para escrever os números de 1 a 200. Eu, como uma menina bem esperta e com traços de uma leve preguiça e falta de estímulo para a matemática, cheguei em casa, peguei meu próprio livro de matemática e comecei a escrever todos os números de forma sequencial e pronto, a atividade estava pronta.

No entanto, no dia seguinte, o professor foi “tomar lição” da atividade, e eu não sabia de nenhum número depois do 100. Ele me questionou como eu havia feito a atividade e contei como havia feito. Imediatamente levei um puxão

de orelha, para aprender que não era daquela forma que fazia a atividade. Depois desse evento, não me recordo se fiz novamente ou não a atividade. Mas podemos notar a presença ferrenha da educação tradicional, que ainda prevalece nos dias atuais em muitas escolas.

Já na terceira série, o que recordo da professora a qual carinhosamente chamava de “tia Eliete”, lembro apenas o fato dela levar por algumas vezes doce e geladinho para todos da classe, e outras vezes nos levou para comer pizza. Sendo ela minha grande inspiração para a Pedagogia, pois sempre gostei de brincar de dar aulas e ela, por algumas vezes, me dava giz para que eu pudesse usar para brincar de dar aula para alguns amigos em minha casa. Também aprendi com ela que o afeto desempenha papel essencial no funcionamento da inteligência.

As lembranças das outras séries são totalmente vagas. Me recordo apenas que na quinta série sofri bastante, pois tinha poucos amigos, e os que se aproximavam era com alguma intenção de encontrarem formas de me provocar, pois nesse mesmo ano comecei a usar óculos e comecei a receber mais apelidos, o que muitas vezes me fez ficar chateada e triste, ao ponto de em um dia de fúria, levantar-me da cadeira e aos gritos, dizer ao professor que ia matar uma colega, o qual neste momento estava falando de mim com outra colega. Essas ondas de apelidos me fizeram ter uma série comportamentos agressivos, os quais passaram despercebidos pelos professores e direção, o que me levou no dia seguinte pegar uma faca e levar para a escola, mas deixei guardada e o assunto foi esquecido.

Após esses momentos, mudei de escola por quatro vezes e não tenho recordações, mesmo sendo bem mais recentes, mas lembro que sempre gostei de ir para escola, e nos dias que por algum motivo não podia ir, passava o dia inteiro triste, as vezes até chorava.

Minhas recordações já surgem mais a partir do 9º ano, quando fui para o Colégio Militar Tiradentes, o qual não queria ter ido, pois achava que era um mundo totalmente diferente por ser militar, mas que acabei me apaixonando pela escola e por cada pessoa que ali trabalhava, pois sempre fui bem assistida e orientada, tanto pelo corpo pedagógico e militar, que sempre procurou ouvir a todos e saber de seus problemas para tentar ajudar. Colégio esse que estudei até o término do 3º ano do Ensino Médio. Não tive muitas dificuldades, exceto

com a Matemática, matéria que nunca gostei e nunca fiz o menor esforço para aprender. Nesse assunto, passei toda a vida escolar estudando apenas para as provas. Respondia, saía da sala e parecia que ali mesmo na porta eu deixava o que havia aprendido, chegando a ficar de recuperação no 9º ano.

Durante esse período vim morar em Imperatriz com os patrões do meu pai na época, os quais se tornaram minha segunda família, me acolheram como filha, e me possibilitaram boas escolas, cursinhos e me apoiaram como verdadeiros pais fariam, minha mãe Marta e meu pai Coronel Guilherme Ventura (*in memoriam*), que me fez adquirir mais amor pelos estudos, pelos livros e que foi meu professor em muitos momentos, me ensinando com carinho e paciência. Sou grata a Deus pelo período que pude conviver com ele e por ter permitido meu segundo pai pudesse me ver ingressar no mestrado em Educação, o que foi de um orgulho imensurável para ele. Infelizmente, em 25 de novembro de 2021 ele partiu, deixando uma imensa saudade, mas deixou comigo a esperança da educação, que assim como havia mudado a vida dele, também mudou e mudará a minha.

Durante o período do 9º ao 3º ano, no Colégio Militar, fui muito envolvida em Feiras Científicas, que sempre me remetiam a meu futuro acadêmico. Por 3 anos pesquisei sobre Autismo e sua acessibilidade na cidade de Imperatriz, assunto ainda pouco comentado na época, mas que com o passar dos anos foi ganhando atenção. No meu segundo ano do ensino médio, fui a primeira colocada na área da minha pesquisa. Sempre gostei muito de pesquisar, de conhecer o desconhecido. Não sabendo eu que muitas de minhas atitudes viriam a se fazer presentes mais ainda em minha vida acadêmica.

Minha jornada acadêmica no curso de Pedagogia se inicia de maneira frustrada, pois naquele momento da vida eu desejava fazer direito como primeira opção, mesmo a Pedagogia sendo algo que queria muito, mas não queria naquele momento. Recebi total apoio dos meus familiares, os quais sempre me instigaram a permanecer na Pedagogia, e que era o meu lugar. E hoje vejo que o Direito era um sonho vago e que como uma boa adolescente, sonhava em fazer o que estava na “moda”, e que as pessoas falavam que “dava dinheiro”.

Hoje sou totalmente grata pela Pedagogia ter me escolhido e assim, também a escolhi. Vi que tudo era muito além do que imaginei, pude perceber a importância dessa profissão e os caminhos que podia trilhar, a forma como podia

fazer outras pessoas brilharem, que posso ser instrumento no imenso mundo educacional, que ainda há muito pelo que lutar e muito a se aprender.

O meio acadêmico sempre me fez desejar mais conhecimentos, novas oportunidades. Com isso, sempre busquei me dedicar ao que me era oferecido, exemplo disso foi minha participação no PIBID (Programa de Iniciação à Docência), programa que me concedeu logo no início do meu curso ter a oportunidade de observar e participar ativamente dos sabores e dissabores em sala de aula, a luta de um professor, especialmente os da escola pública, que muito sonham e poucos são os recursos financeiros e pedagógicos para realizar o que tanto desejam.

Sou extremamente grata à escola Fraternidade por ter me acolhido no PIBID, como em minha Residência Pedagógica³, outra experiência em que pude sentir na pele os desafios de um educador. Sou muito grata pelas preceptoras que tive nessa caminhada, professora Jane Sousa e Liedja Nunes, que se revelaram a mim como bons exemplos de educadoras, professoras nas quais me espelharei e que espero um dia ser parecida. Educadoras que mesmo com as dificuldades que as cercavam, sempre buscavam formas de fazerem o melhor para seus alunos, de forma lúdica, para que aprendessem brincando e que sempre tiveram êxito em seu fazer pedagógico.

Outro exemplo de educadora que carregarei para vida, como sinônimo de força e determinação é minha querida professora de História da Educação e orientadora, Mariléia Cruz, a “culpada” por hoje eu estar nesse Mestrado, pois sei que sem seus ensinamentos, não teria chegado aqui. Ela, que em meu terceiro período da faculdade, me apresentou Maria Firmina dos Reis, no ano de 2016. Desde lá, o mundo de Maria Firmina se abriu para mim, o mundo da pesquisa documental, bibliográfica e indiciária, me fazendo enxergar muito além da realidade daquele momento, mas pensar na história de meus antepassados e em como todos refletem no meu hoje.

Maria Firmina dos Reis abriu imensuráveis portas para mim no campo da pesquisa, e cada vez que pesquisava sobre ela, me apaixonava cada vez mais por sua representatividade como mulher, escritora negra e muitos outros

³ A Residência Pedagógica é um programa de formação de professores e tem como objetivo aprimorar a prática docente por meio de uma vivência mais intensas e prolongadas nas escolas de educação básica.

adjetivos. Firmina, desde o primeiro momento que me foi apresentada, sempre me chamou atenção, pois ela me era totalmente desconhecida, e me indignava o fato de uma mulher tão ilustre, com literaturas tão belas, ter sido calada de tal forma por décadas.

As pesquisas sobre Maria Firmina se iniciaram mais a partir de uma curiosidade. Queria eu decifrar o enigma de quem era essa mulher, o porquê de não ter lidos seus livros na escola, o porquê de todo seu legado, sua voz terem sido silenciados, e saber que ela também era uma educadora em tempos tão difíceis para a figura feminina, me fizeram valorizar mais ainda a figura dessa educadora.

Muitos caminhos trilhei com Maria Firmina dos Reis. Com o objetivo de que mais pessoas pudessem conhece-la, bem como a seus livros, poemas e sua história de vida. História essa que vive ainda oculta para muitos maranhenses, sendo pertinente conhecê-la para assim prestigiar sua figura como uma maranhense de tamanho valor, e digna de memoráveis homenagens.

E seguindo meu caminho acadêmico ao lado de Maria Firmina, construí meu Trabalho de Conclusão de Curso, trazendo a figura dessa mulher espetacular e trazendo um destaque especial para suas obras *Úrsula*, *Gupeva* e *A Escrava*, com o tema *“As mulheres no século XIX: Um estudo sobre as representações do gênero feminino em três obras de Maria Firmina dos Reis (Úrsula, Gupeva e a Escrava)”*. Os quais tive o prazer de ler e reler por diversas vezes, podendo criar minhas teorias, opiniões e ver como Maria Firmina foi precisa em cada ideal, em cada opinião que expressava a respeito do que discutia.

Com a defesa de meu TCC, encerrei mais uma fase da minha vida, isso no final de 2019. Não sabendo eu que novos desafios viriam no ano de 2020, quando nos encontramos em meio a uma pandemia global, e muitos sonhos meus ficaram obscuros e sem planejamentos, pois temia o amanhã, em meio a uma doença que pouco se conhecia. E o medo era algo bem presente naquele momento para todas as pessoas. Mas fazer um curso de mestrado e ir bem além de onde eu estava, sempre foi um sonho meu e de minha família.

Nos anos que se seguiram de 2020/2021, tive o privilégio de me manter isolada na chácara de propriedade dos meus pais de coração, onde nos resguardamos da temida e desconhecida COVID. Mas com os dias se passando,

meu sonho de seguir a vida acadêmica era mais real, até a abertura do Edital para o presente Mestrado em Educação, o qual sempre foi um sonho que muitos professores da graduação estimulavam.

Particpei do processo seletivo, fui selecionada e pude ver novos sonhos surgirem. E sempre em minha caminhada, trazia comigo Maria Firmina dos Reis como figura principal, para que assim como muitos outros pesquisadores, eu pudesse somar para a expansão de sua biografia e literatura, mostrando parte da sua relevância. Sempre soube que seria uma caminhada árdua, mas que valeria a pena e que é totalmente necessária na jornada que pretendo seguir, pois como coloca Maria Firmina “A mente, esta ninguém pode escravizar!” (REIS, 1859). E partindo desse ideal, pretendo seguir aprendendo, e pretendendo fazer a diferença nessa sociedade que necessita tanto dessa libertação da mente, pois parafraseando Firmina, essa ninguém escraviza, mas muitos não sabem disso.

3. MARIA FIRMINA DOS REIS, UMA MULHER DO SÉCULO XIX

Neste capítulo, analisa-se a trajetória de Maria Firmina dos Reis, a protagonista dessa pesquisa, que viveu em um período em que a figura feminina, especialmente a mulher negra, era sistematicamente excluída das posições de protagonismo na sociedade. Viveu num tempo de incidências de sexismo, racismo e contrastes educacionais contra as minorias.” (Tatiara,2022). Desse modo, a enfatização de sua vida, carreira e feitos merece seu lugar de destaque, sendo ela a célebre escritora maranhense, Maria Firmina dos Reis⁴.

Maria Firmina, nascida em 11 de outubro de 1825, em São Luís, no bairro São Pantaleão, filha da escrava alforriada Leonor Felippa⁵ dos Reis e João Pedro Esteves, militar com patente de furriel da companhia de Cavalaria Franca do Maranhão, como coloca Gomes, 2022, p.85, homem branco que gozava de privilégios significativos em diversas áreas, privilégios esses que eram visíveis e sistêmicos.

⁴ Não são conhecidas imagens de Maria Firmina dos Reis, entretanto as imagens produzidas da escritora são obras de arte produzidas a partir de relatos de pessoas que a conheceram (Conferir Anexo I).

⁵ Leonor Felipa dos Reis, uma mulher negra, solteira e de condição humilde, em pesquisas não encontramos muito sobre a vida dessa mulher, mas sabemos que ela desempenhou um papel de suma importância, o de mãe, apesar das dificuldades impostas pela sociedade desempenhou um papel fundamental de criação de Maria Firmina.

E ao falarmos de seus genitores, podemos ao certo imaginar os traços físicos de Maria Firmina como o de uma mulher mestiça, refletindo a complexa realidade racial do Brasil colonial.

Mulher negra e primeira romancista abolicionista brasileira a publicar uma obra no próprio país, trilhou um longo percurso até ser estimada pelos jornais da época, os quais eram administrados por homens, de fato, podemos dizer que seu concurso lhe deu certa visibilidade. Quando faziam referência a ela, não escondiam tamanha admiração e respeito pelo seu trabalho (CRUZ, MATOS e SILVA, 2018), nos fazendo refletir sobre sua ascendência paterna branca, que pode ter lhe proporcionado algum grau de privilégio, ainda que limitada por conta de seu gênero.

(Jornal Jardim das Maranhenses de 1862).

Era uma participante ativa nos jornais da imprensa maranhense no século

1862

ANNO I. SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1862. N. 29.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

Litterario, Moral, Critico e Recreativo.

Subscreve-se nesta Typ a 1\$000 por bimestre — ou 8 ns — A redacção aceita e publica todo e qual quer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 13 DE JANEIRO DE 1862.

Entramos no anno de 1862! O *Jardim das Maranhenses* ainda existe! graças a boa vontade dos Srs. assignantes.

Ei-lo, pois, saudando respeitosamente ao bello sexo, a quem deseja innumerables felicidades e boas entradas de anno; e aos Srs. assignantes, a quem encarecidamente implora o perdão de suas faltas. Conhecemos serem ellas dignas de todo o reparo; mas como foram commettidas involuntariamente, pedimos mil desculpas: e novamente rogamos-lhes continuem á prestar o seu apoio á bem desta pequena, mas util empreza.

Temos lutado com immensas difficuldades, para a sustentação do *Jardim*, mas tambem á risca temos cumprido o seu programma publicado em o n. 1; o qual pretendemos fielmente seguir.

Concluindo este pequeno artigo, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que, com suas bellas producções litterarias, honraram as paginas do nosso acauchado jornal; muito especialmente a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis.

Franças estão as paginas do *Jardim* á quem quizer honral-as com seus escriptos, uma vez que estes estejam comprehendidos nas raias da decencia.

Chronica semanal.

— « Mais vale tarde do que nunca! » — E' o rifão que sempre ouvi a meu avô, e o mesmo com que se escuda agora o *Jardim* para deffender-se das más linguas que brinnas agouravão sua somnolencia no prélo.

— Ei-lo pois; com o seu amigo o Sr. Anno Novo, acompanhado do invisivel chronista, desmentindo os mortiferos boatos propagados contra a sua reputação, e entrando sem mais preambulos na ordem dos tempos, *tim, tim, por tim, tim, p, a pá*, Santa Justa.

Mas, *in primo loco*, —tenho á dar os bons dias as minhas encantadoras leitoras, desejando-lhes felizes entradas de anno, como tambem certificar-lhes que o corcovado velho, o quer que fosse de afflictivo, e desagradavel; mas era de mais para suas forças, essa luta, em que elle em vez de ganhar com a sua logica, perdia consideravelmente. Meditou por algum tempo, e depois disse:

O teu delirio te torna ingrato... mas eu te perdôo, não estás em ti. O commandante, passa a noite em terra, aproveita a sua ausencia; ali está uma lancha, vai a terra; mas pela honra, jura-me que antes do amanhecer estarás a bordo.

Juro-te — exclamou o moço, lançando-se nos braços do amigo.

Foi um abraço prolongado o desses jovens maritimos, a quem a igualdade de nascimento, e o embate dos mares tinha tão intimamente ligado.

Um momento depois, a lancha cortava mansamente as aguas, deixando após si um rasteiro esbranquiçado.

Acabavam de soar nove horas; a noite era escurissima, e nem sequer uma estrella se pintava no céu. Alberto, seguiu com o seu

GUPEVA.

ROMANCE BRASILENSE.

por

MARIA FIRMINA DOS REIS.

(Continuado do n. 27.)

I.

Prometto-te, querido Alberto — “interrompeo o moço francez —” prometto-te que as não farei.

Nesse caso, principia por te deixar cá ficar: não vás, querido amigo, a essa entrevista.

O joven francez, teve então um momento de impaciencia e franzindo o supercilio, disse.

Custa-te, a prestar-me o serviço, que te peço? ... pois bem. Vai-te, e deixa-me com a minha loucura.

Alberto, fixou-o com indesivel tristeza: o coração como que nessa hora presagiava-lhe

15cm

XIX e apesar de não desfrutar de todos os privilégios sociais que escritores como

Gonçalves Dias recebia (VRBATA,2018), teve alguns momentos de reconhecimento, como podemos observar na nota pública do jornal Jardim das Maranhenses, no ano de 1862:

Concluindo este pequeno artigo, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que com suas belas produções literárias honraram as páginas do nosso acanhado jornal, especialmente a Exma Sra. D. Maria Firmina dos Reis (Jardim das Maranhenses, 1862).

Maria Firmina dos Reis, em sua juventude, figurando-a como Mestra Régia concursada, fato de tamanha importância para as jovens da época, que tinham poucas opções de trabalho remunerado. E por motivo de tamanha alegria, por ter conseguido uma posição tão honrosa, Dona Leonor Reis, sua mãe, decide alugar um palanquim⁶, para que a filha fosse carregada em triunfo pelas ruas de São Luís e que fosse nele receber o seu “diploma” ou sua “nomeação” do concurso em 1847.

E Firmina, com o seu espírito abolicionista, se recusa, pois para ela, “negro não é animal para se andar montando nele” (MORAIS FILHO, 1975, p. 219), revelando desde cedo o ideário abolicionista de Firmina, mostrando-se opiniosa e comprometida com a causa, fazendo uma crítica direta à forma de tratamento desumanizada e degradante imposta aos negros.

O estilo de vida que Maria Firmina seguia era totalmente diferente do que se era vivido na época. Uma mulher jovem que não se casasse, não tivesse filhos biológicos e vivesse totalmente envolvida com seu trabalho, no mínimo era vista com estranheza. Também o fato de uma mulher expressar opinião de forma tão vivaz contra a escravidão, morar sozinha e sustentar-se do seu salário, era incomum, e a sociedade não via tais atitudes com bons olhos (SILVA, 2010). Essa independência feminina a fazia ser vista com desconfiança, desaprovação e até mesmo como uma ameaça à ordem social.

As informações e as minúcias sobre a vida da escritora sempre foram algumas questões pendentes, como a data de seu nascimento, por exemplo, que foi propagada por muito tempo como 11 de outubro de 1825. Com a perpetuação dessa data, em 1976, por meio da Lei n. 3.754, de 27 de maio, foi considerada o “Dia da Mulher Maranhense”, como uma homenagem à autora.

⁶ Espécie de cadeira usada antigamente como transporte, a qual possuía duas hastes onde quatro escravizados carregavam o passageiro que ali ficava sentado.

A escritora é patrona da Academia de Letras da cidade de São Luís. A data de seu nascimento foi instituída como Dia da Mulher Maranhense (11 de março), conforme Lei Estadual nº 10.763/2017, sancionada pelo então governador do Estado do Maranhão, Flávio Dino. Em novembro de 2022, a Universidade Federal do Maranhão concedeu a Maria Firmina o título de “Doutora Honoris Causa” (TJMA, 2023).

Destacando a contribuição para a literatura brasileira e para toda luta contra a desigualdade de gênero e racial, reconhecendo também a importância das mulheres maranhenses no contexto social.

Foram encontrados no Arquivo Público do Estado do Maranhão os “autos de justificação do nascimento de Maria Firmina dos Reis”, solicitados para poder participar do concurso de Primeiras Letras de Guimarães. Com isso, comprova-se a real data de nascimento de Maria Firmina dos Reis, tratando-se de 11 de março de 1922, validando assim a troca da data da mulher maranhense para a data do real nascimento de Firmina.

Com base nas informações fundamentadas, o dia da mulher maranhense tornou-se dia 11 de março, por força da lei 10.763, de 29 de dezembro de 2017 (Maranhão, 2017; Cruz, Matos e Silva, 2018).Trazendo à tona a suposta enfermidade que a impediu de ser batizada logo após seu nascimento, fato comum no período colonial, onde os pais batizavam tardiamente seus filhos, mas criticado pela igreja católica, que outorgavam um prazo de oito dias para que as crianças fossem batizadas, para caso tivessem uma morte precoce, alcançassem a salvação, indo direto para o céu, sem passagem no purgatório (Del Priore, 2016). Se o batismo infantil é visto pela igreja católica como um ato de amor, proteção e compromisso espiritual, não faria sentido o batismo tardio de Maria Firmina.

Maria Firmina dos Reis fora batizada apenas três anos depois, fato comprovado a partir de seus autos de justificação de seu nascimento, que foram solicitados por ela própria, para comprovação da sua real idade a fim de assumir o concurso de Primeiras Letras em Guimarães, fato discutido por Cruz, Matos Silva (2018, p.159):

[...] a documentação de batismo de Maria Firmina só poderia deixar dúvidas sobre a sua origem e ano de nascimento, pois traz poucas informações. Pelo fato de não constar dia e ano de seu nascimento no registro de batismo havia necessidade de recorrer a outras formas de comprovação da sua idade, o que a levou a iniciar um processo junto à Câmara Eclesiástica visando à justificação da data do seu

nascimento, originando, assim, os “Autos de Justificação do dia do Nascimento de Maria Firmina dos Reis”. Esse documento foi solicitado por ela no dia 25 de junho de 1847 e foi concluído no dia 13 de julho do mesmo ano. Conforme esta documentação, Maria Firmina teria nascido em 11 de março de 1822, sendo batizada apenas em 21 de dezembro de 1825, já que veio ao mundo acometida de uma enfermidade, permanecendo doente por um período que a impossibilitou de receber o sacramento antes dos seus três anos de vida (Cruz, Matos Silva 2018, p.159).

A condição de saúde de Maria Firmina nunca nos ficou bem clara, sempre nos jornais e em seus autos de justificação de batismo, que alegam que Firmina foi batizada tardiamente por conta de uma doença, mas não se tem mais detalhes sobre qual a doença. Mais tarde, podemos notar vários pedidos de licenças para a professora, em um dos quais, segundo o jornal o *Publicador maranhense*, os atestados enviados pela professora declaravam que ela se encontrava acometida de “inflamação no fígado” (*Publicador Maranhense*, 19 fev. 1880, p. 2).

Em julho de 1881, após lhe ter sido concedido um mês de licença, foi inspecionada por uma junta médica que recomendou seu jubramento com “os ordenados por inteiro” por não poder mais exercer o magistério (*Publicador Maranhense* 28 maio 1881, p. 1; 18 nov. 1881, p.1). E foi assim que após a sua jubilação, a professora seguiu para o Pará na companhia de sua tia, D. Henriqueta Romana dos Reis (*Pacotilha*, 4 jun. 1881, p. 2-3). (Cruz, Matos e Silva, 2018).

A enfermidade de Maria Firmina foi comprovada devido ela solicitar por diversas vezes licenças para tratar da saúde no decorrer dos anos como professora de primeiras letras, conforme publicado em alguns jornais da época, a exemplo do jornal *Publicador Maranhense*, de 9 de setembro de 1859 que diz:

O vice-presidente da província resolve conceder à D. Maria Firmina dos Reis, professora publica de Primeiras Letras da Villa de Guimarães, dois mezes de licença com os respectivos vencimentos para tratar de sua saúde onde lhe convier, devendo a começar a gosar della dentro do praso de vinte dias (*Jornal Publicador Maranhense*, 1859).

Novas discussões abrem espaço para o questionamento de que a troca de datas de nascimento foi apenas um artifício para que Maria Firmina pudesse ter sua inscrição deferida para o concurso de professora de primeiras letras, o qual exigia a idade mínima de 25 anos.

Apesar de ser comprovada a fragilidade da sua saúde através dos anos, Maria Firmina, com mais idade poderia sim, ser uma mulher adoentada, mas não se pode afirmar com total clareza sua enfermidade quando criança. Há possibilidade de que as testemunhas tenham sido incluídas para ajudar na validação do concurso, sendo essa uma realidade corriqueira;

A prática de aumentar a idade para casar ou assumir emprego tem atravessado os séculos. Maria Firmina, seguramente, não foi a primeira nem a última. Um exemplo conhecido é o do ex-presidente da academia maranhense de letras, Jomar Moraes, fato narrado por ele próprio em entrevista concedida ao completar 70 anos. Nascido em Guimarães, percorreu várias cidades, acompanhando os pais e os sete irmãos. Queria ajudar nas despesas da casa, mas não conseguia emprego. Decidiu, então, modificar por conta própria a idade e inscreveu-se em um concurso para soldado de Polícia Militar, sendo aprovado com distinção (Gomes, 2022, p.99).

Por essa ser uma prática recorrente, nos faz pensar que realmente Maria Firmina não poderia assumir o concurso pela questão da idade exigida, mas pode ter forjado a documentação para que pudesse assumir seu concurso, envolvendo familiares e amigos como testemunhas, para tornar mais crível sua história.

Mesmo sendo uma prática comum, não era um ato legal, mas era a estratégia que muitos utilizavam para trabalhar e muitas das vezes sustentar suas famílias, refletindo as realidades sociais e culturais da época, em que a falta de registros formais e a rigidez de algumas normas levavam as pessoas a manipularem suas idades para se ajustarem a situações específicas da vida cotidiana, como pode ter sido o caso de Firmina.

3.1 A PROFESSORA ESCRITORA E SUA ATUAÇÃO NA SOCIEDADE MARANHENSE OITOCENTISTA

Os pensamentos de Maria Firmina dos Reis foram muito além de simples reflexões. Uma mulher que dominava a escrita e mesmo que sua pessoa fosse invisível para sociedade, decidiu inserir em seus livros ideias políticas e sociais, defendendo o fim da escravidão, argumentando que os negros possuíssem seu espaço de fala na sociedade, fortalecendo o fato de as mulheres estarem à margem da sociedade.

A tragédia também era sua marca registrada, sendo o estilo mais usado em seu período. O terror, a devassidão sexual e personagens à beira da loucura nos desfechos de seus romances, são exemplos claros da tragédia. Em *Úrsula* e *Gupeva*, a autora deixa os “felizes para sempre” das histórias típicas e revela o lado sombrio da escravidão, entre outros fatos.

Em seu livro *Úrsula*, a escritora trata claramente de uma notável crítica contundente à escravidão e pela representação das relações desiguais entre brancos e negros, bem como entre homens e mulheres, fazendo um retrato sensível da dor e da resistência negra. E ousou ao transformar os fatos em algo que capturava a atenção do leitor, como podemos ler na publicação do dia 13 de maio de 1861, o jornal *A Verdadeira Marmota* (Morais Filho, 1975, p.28):

Em verdade que o é esse livro, que se apresentou sem nome de autora, modestamente e ainda sem apregoadores. As suas descrições são tão naturais e poéticas, que arrebatam; o enredo tão intricado que prende a atenção e os sentidos do leitor; o diálogo é animado e fácil; os caracteres estão bem desenhados [...] (Jornal *A Verdadeira Marmota* Moraes Filho, 1975, p.28):

Anúncios que traziam uma escritora invisível, que nos leva à reflexão de que Maria Firmina dos Reis usou seu pseudônimo tentando superar possíveis incoerências e variações de qualidade dessa literatura escrita às pressas ou pelo fato de ser mulher e ter o receio que sua escrita fosse marginalizada, como coloca (Correia, 2013). Maria Firmina poderia estar ansiando mostrar sua arte e revelar também seus pensamentos ajuizadores, mas que também era consciente, pois sabia que o espaço para ela naquele momento, era totalmente restrito.

Mas é importante ressaltar que “com exceção de Maria Firmina dos Reis nenhum intelectual maranhense no século passado em nossa terra, desceu à plebe para escrever para a plebe”. (Morais Filho, 1975, p. 223). No momento em que Firmina oferece espaço de fala para mãe Suzana, uma mulher negra, que foi arrancada de seu lar, conta de sua saudade e sobre o que era de fato importante para ela. Nesse exato momento, a escritora chega à plebe, colocando em evidência os negros escravizados.

A escritora oitocentista abre as portas do mundo literário e social para negros e mulheres da época. Ela faz com que homens letrados percebam

talentos na escrita de uma mulher negra. Com isso, surgem questionamentos da parte de homens eruditos: o porquê de se manter as mulheres distantes do mundo das letras? Esse questionamento é exposto nos jornais da época seguidos da defesa de que “o belo sexo não deve viver segregado de tão sublime arte - os encantos e ornatos do espírito são sua partilha” (*A VERDADEIRA MAMORTA*, *apud* Moraes Filho, 1975, p. 36), e assim, abrindo precedente para que mais mulheres se interessassem pela escrita e publicação de seus textos, defendendo sua plena participação no que se refere ao desenvolvimento intelectual e artístico, ressaltando dessa maneira, o potencial feminino.

Maria Firmina não se adequava ao padrão de mulher que os maridos queriam que suas esposas fossem, pois de *práxis*, as mulheres não deveriam se envolver em assuntos públicos e muito menos em assuntos complexos da época, como política e abolição da escravidão, como fez Maria Firmina em seus livros.

Os romances *Úrsula*, *Gupeva* e *A Escrava*, relatam com vivacidade todo o contexto do Brasil do século XIX e foram publicados em terras brasileiras, diferente da primeira obra de Teresa Margarida⁷, que “não é brasileiro, não diz respeito ao Brasil, nem exerceu a mínima influência em nossa literatura” (Moraes Filho, 1975, p. 220). Os livros de Firmina servem de total imersão para o Brasil de sua época, com suas alegrias, tragédias e lutas abolicionistas.

Maria Firmina, sendo escritora e professora concursada, se destacou em espaços onde a predominância era masculina ou havia uma preferência clara pelo sexo masculino. Sua contribuição ao longo de sua vida esteve apagada por décadas e viveu os últimos dias de sua vida como uma mulher pobre e cega, vivendo por anos em sua humilde casa, sem luxo algum, mas uma casa que para a comunidade e para seus filhos de criação, fora sinônimo de acolhimento e refúgio, assim falecendo⁸⁹ em 11 de novembro de 1917, às 10:00 horas, na cidade de Guimarães.

⁷ Tereza Margarida da Silva e Orta, filha de mãe brasileira e pai português, nasceu em São Paulo em 1711, mas mudou-se para Portugal ainda muito jovem. Foi romancista em Língua Portuguesa publicando sua primeira obra em 1752 em Portugal, com o pseudônimo de Dorotéia Engrassia Távareda Dalmira, o livro apresenta ideias que subvertiam os padrões absolutistas de Portugal no século XVIII.

⁸ As várias questões que envolvem a saúde e batizado de Maria Firmina são diversos.

⁹ Certidão de óbito publicado no Livro Maria Firmina dos Reis – Fragmentos de uma Vida de Nascimento de Moraes filho. Conferir Anexo II.

Figura 1: Residência de Maria Firmina dos Reis na praça Luís Domingues.



Fonte: Brito (2018)

Maria Firmina também deixou um legado inestimável em sua escola mista em maçaricó, onde meninos e meninas tiveram a oportunidade de usufruir de uma boa educação através dela, tendo início 1 ano antes de sua aposentadoria, em 1880, como destaca Gomes, 2022. A primeira vez que foram feitos registros sobre a escola mista de Maçaricó foi no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de sacramento de Blake, mas apenas 75 anos depois houve confirmação no livro de Nascimento Moraes Filho; *Maria Firmina Fragmentos de uma vida*;

Leude Guimarães, filho de criação da romancista, revelou que as aulas ocorriam em um barracão construído de taipa e coberto de palha, no povoado de Maçaricó. O amplo barracão era utilizado para guardar produtos agrícolas da fazenda de Domingos Lourenço da Silva Mondego, proprietário do Entre-Rios e também de metade das terras do povoado de Maçaricó. Dolores Goulart, filha de criação da Romancista, Lembrava-se das viagens de carro de boi para as temporadas em Maçaricó:

- 'Eu me lembro', disse dona Nhazinha Goulart (84 anos), "que a gente ia com Maria Firmina num carro de boi, e pranchada era o pajem. As aulas eram dadas num barracão".

Perguntando-lhe se era mista e gratuita a aula, respondeu-me:

- Era todo mundo junto: meninos e meninas. Quem tinha posses pagava e quem não tinha não pagava. (Gomes, 2022, p. 261).

A escola mista de Maria Firmina sofreu grandes desafios, como a falta de materiais básicos para as aulas, como giz, caderno, lousa etc. Mesmo cobrando daqueles que possuíam posses, ainda não era o suficiente para se manter uma

escola, que por conta dos problemas financeiros, teve que ser fechada 2 anos e meio após sua inauguração (Gomes, 2022). Agenor Gomes, 2022 também destaca a reabertura da uma escola no início da república em 1890, mas também a escola se encontrou em um momento de dificuldade, enfrentando novamente problemas financeiros e permanecendo por pouco tempo em funcionamento.

Atualmente, a escola em Maçaricó permanece. Totalmente modernizada, mas carregando um legado de uma grande mulher, professora.



Fonte: Orientador Dimas dos Reis (Imagem cedidas à autora).



Fonte:
Orientador
Dimas dos
Reis (Imagem
cedidas à
autora)



Fonte: Orientador Dimas dos Reis (Imagem cedidas à autora)



Fonte: Orientador Dimas dos Reis (Imagem cedidas à autora)

A preservação dessa escola simboliza a valorização de sua contribuição pioneira para a educação inclusiva e a luta pela igualdade racial e de gênero. Preservando assim não apenas sua memória, mas também inspirando as novas gerações a se espelharem em sua figura como mulher, professora e escritora.

Os livros de Maria Firmina, que tanto pleiteava contra o estilo de vida patriarcal, caíram no esquecimento por um longo tempo, mas em 1962, seu livro *Úrsula* é recuperado pelo historiador paraibano Horácio de Almeida, em um sebo no Rio de Janeiro (Angelo, 2017). Tal esquecimento foi reflexo das estruturas de opressão racial, social e de gênero que dominavam o século XIX e continuaram a se perpetuar por todo Brasil, sendo Maria Firmina claramente negligenciada pela historiografia e pelo cânone literário tradicional.

A invisibilidade de Firmina não se deu apenas às suas obras, mas também à sua fisionomia física, já que nunca foram encontradas imagens que pertençam a figura da escritora. O Verdadeiro rosto de Maria Firmina ainda é um mistério e por muitos anos foi difundido um retrato inspirado na imagem de uma escritora gaúcha¹⁰. Na praça do Pantheon, em São Luís no Maranhão, o busto que é exposto também a retrata “embranquecida”, de nariz fino e cabelos lisos (Angelo, 2017), apontando para um problema de Racismo estrutural, visando apagar as identidades dos negros e uma estratégia de minimizar a relevância e o impacto da contribuição de intelectuais e artistas negros e mestiços. O “branqueamento” não apenas de Firmina, mas de tantos outros, como uma forma de torná-la mais aceitável para o público, passava a mensagem que apenas o branco é digno de respeito.

Recentemente, um novo quadro da escritora foi feito. Esse quadro se encontra em Guimarães, no acervo de Maria Firmina. Acredita-se que represente mais fielmente a autora. Nele, ela é representada com traços de uma mulher negra: pele negra sem “embranquecimento”, nariz largo e cabelo crespo.

¹⁰ A escritora gaúcha cuja imagem é atribuída a Maria Firmina dos Reis trata-se de Benedita Câmara Bormann (1853-1895). Conferir Anexo III.



Fonte: Acervo de Guimarães

A figura de Maria Firmina retorna após anos de esquecimento, e parte da recuperação da história de Firmina, assim como imagens criadas da casa da escritora. Seu túmulo se encontra na cidade de Guimarães, no interior Maranhão, a 204 KM da capital. No túmulo de Maria Firmina encontra-se escrito “Nesta campa está sepultada Maria Firmina dos Reis, a mestra régia dos vimearanenses, abolicionista, poetisa e primeira romancista brasileira”, datada em 11/10/1825 – 11/11/1917.

O túmulo da romancista se encontra sem muitas honras e por muito tempo ficou em esquecimento, refletindo a invisibilidade que Maria Firmina sofreu durante décadas. Felizmente, vivemos agora não apenas um resgate de literatura, mas um ato de justiça histórica para com a importância e legado da escritora maranhense.

Nos últimos anos, tanto a casa como o túmulo de Maria Firmina na cidade de Guimarães, se tornaram verdadeiros tesouros, dignos de preservação com o processo de resgate e valorização de sua história, obras e de todo seu legado multifacetado, como abolicionista e defensora dos direitos humanos.

A História dessa autora ultrapassou os oceanos e virou ferramenta de pesquisa e admiração em vários países, a exemplo a pesquisa do professor Norte Americano Jordan Jones, da faculdade Brigham Young University, que liderou expedições ao estado do Maranhão com seus alunos, explorando arquivos, memória comunitária, sua contribuição ao movimento abolicionista e ao movimento feminista. Todas as pesquisas sobre Maria Firmina se tornam uma

forma de resistência contra todo o apagamento e a exclusão do sistema, uma lembrança constante da luta de uma mulher negra, para que ela seja constantemente reconhecida e lembrada. Tudo isso nos revela voz da mulher na sociedade oitocentista, do negro e dos menos abastados, suas obras que foram verdadeiros protestos que ecoaram e até hoje ecoam na sociedade durante gerações, nas palavras escritas de “Uma Maranhense”.

Figura 2: Lápide Superior do Túmulo de Maria Firmina dos Reis (Guimarães, 2024).



Fonte: Orientador Dimas dos Reis (Imagem cedidas à autora)

A conservação do túmulo de Maria Firmina é um ato de grande importância histórica e cultural, fazendo com que sua memória seja preservada. O túmulo representa um patrimônio cultural não apenas para o Maranhão, mas para todo o Brasil, resgatando toda resistência ao racismo e escravidão, contribuindo para que nenhum desses aspectos seja esquecido com o tempo, além de fomentar debates e reflexões sobre temáticas como racismo, machismo e desigualdade social.

FIGURA 3: Epitáfio do Túmulo de Maria Firmina dos Reis (Guimarães,2024).



Fonte: Orientador Dimas dos Reis (Imagem cedidas à autora).

A conservação do túmulo de Maria Firmina dos Reis não é apenas uma questão de preservação física de um espaço, mas se trata claramente de manutenção de uma memória histórica cultural, causa essencial para o entendimento do Brasil do século XIX e suas lutas. É também um ato de respeito e valorização de suas obras literárias e de toda a sua luta abolicionista, bem como de sua contribuição com a luta de gênero e racial. A preservação do túmulo de Maria Firmina ajuda a garantir que sua figura histórica não seja novamente esquecida, para que assim suas histórias, contos, continuem a inspirar e educar novas gerações.

4. CONTEXTO HISTÓRICO DA VIDA E EDUCAÇÃO DAS MULHERES NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO

Nesse capítulo trataremos do contexto histórico da mulher no século XIX, possibilitando contextualizar e entender os acontecimentos dentro do cenário cultural, social, econômico e político, proporcionando uma visão mais completa do contexto feminino da época. Maria Firmina não estava incluída no contexto de mulher casada, mas se faz necessário conhecer o ideal de mulher da época e o que era esperado delas na sociedade, a forma como a educação era colocada para o sexo feminino e como Maria Firmina afasta-se totalmente dessas idealizações.

4.1 O papel da mulher na sociedade maranhense

Ao longo do tempo, tem sido reforçado uma representação feminina carregada de estereótipos como: frágeis, delicadas demais, sexo frágil, etc. O modelo padrão da mulher ideal sempre foi aquele que a qualifica como frágil, pura, recatada e zelosa, além de submissa e restrita ao casamento. Rodrigues se reporta a essa questão atribuindo o papel da igreja e do Estado português na produção dessa visão no período Colonial.

Durante o período colonial brasileiro, a igreja Católica e o Estado português produziram uma imagem ideal de mulher em que recato, honra e submissão faziam parte do caminho que conduzia à perfeição. Por sua vez só era possível dentro de condições específicas, como era caso da vida conjugal legitimamente sacramentada. O casamento era apresentado como um meio de preservação da honra feminina e da realização da função biológica, a maternidade (2012, p. 27).

No século XIX a mulher já nascia predestinada para o casamento e sua educação nunca era para fazer dela uma mulher que discutiria de forma igual com homens, sobre negócios e os problemas da sociedade, mas era uma educação direcionada para as meninas de famílias ricas de São Luís. A instrução era direcionada para atender às necessidades domésticas, a educação dos filhos e agradar ao marido. Com isso, as mulheres de famílias mais abastadas tinham aulas de música, dança ou aprendiam a tocar algum instrumento para que pudessem trazer todo o conforto e aconchego de um lar ao seu futuro marido (ABRANTES, 2014; TELLES, 2007), mantendo a mulher numa situação de dependência, sustentando unicamente a ordem do patriarcado e reforçando a separação entre os papéis de gênero.

As aulas de música, dança e arte adornavam o currículo das moças da elite. Quanto mais especializações para o lar, maiores eram as suas chances de arranjar um marido de posses, mantendo o pensamento conservador da sociedade, segundo o qual a mulher se capacitava para a família. A obediência e a submissão não eram praticadas apenas na relação conjugal, mas em relação a qualquer representação masculina da família (pai, irmão, tios etc.).

A autoridade e as decisões do pai jamais deveriam ser questionadas, mesmo em situações em que a filha era usada como mercadoria de troca em negócios e alianças, como no matrimônio (Rodrigues, 2012). O papel que cabia à mulher no casamento arranjado era aceitá-lo sem questionamento algum. Segundo Telles (2007), a união entre famílias ricas e burguesas era usada como ambição e manutenção do *status* social, para que assim houvesse mais aliados,

além da preservação do patrimônio, evitando que fosse diluído ou acabasse sendo transferido para outras famílias consideradas pela sociedade como “inadequadas” ou de pouco prestígio.

Como consequência dos casamentos arranjados, as moças eram sujeitas a aceitar a traição como algo normal. A traição do cônjuge era inquestionável, pois eles obtinham total autoridade para tais atos de infidelidade. Senhores de posses traíam suas esposas com escravas, e ¹¹suas esposas eram desonradas em suas próprias casas.

Exemplo ilustrativo dessa realidade pode ser identificado no livro de memórias; *O Captiveiro de Dunshee* de Abranches (1941, p.149-150), quando se refere a dona Emília Branco¹² que relata sobre a infidelidade que sofreu após um casamento arranjado. Ela declara que: “E certo dia, em que ousei chamar-lhe a atenção para esse procedimento escandaloso, foi tão violento na réplica e maltratou-me tanto, que saí como louca pela porta a fora, indo abrigar-me na casa de uma família amiga”; deixando aqui explícito uma das maiores injustiças do século XIX, a dupla moralidade, a fidelidade no casamento. Enquanto das mulheres era esperado serem completamente fiéis e dedicadas aos seus maridos, os homens em sua frequência desfrutavam de uma imensa liberdade sexual, que incluía o direito tácito de ter amantes, sem que fossem socialmente condenados.

A mulher do século XIX não tinha direito a um divórcio¹³ legal, havia apenas uma separação, que ocorria por meio do seu “depósito” em um Recolhimento. Dessa maneira, os seus maridos retornariam a ser solteiros outra vez com direito a outra esposa, enquanto as mulheres perdiam sua liberdade. Ficavam sendo educadas na colônia, reclusas da sociedade, em um estágio de purificação.

¹² Emília Amália Pinto de Magalhães foi conhecida como D. Emília Branco, devido ao seu primeiro casamento arranjado por seus pais com Joaquim Branco. Sofreu traições e maltrato do seu cônjuge, até Emília Branco sair de casa, rompendo com seu casamento. Ficou por muito tempo em casas de famílias amigas que a acolheram, enquanto recebia inúmeras críticas da sociedade. Após chegar ao Maranhão, David Gonçalves de Azevedo, Chanceler do Consulado Português, que ficou viúvo muito cedo, apaixonou-se por D. Emília Branco. Casou-se e desse matrimônio nasceram duas meninas, e três notáveis poetas Arthur, Américo e Aluizio de Azevedo, enredo esse que lhe inspirou a escrita do livro *O Mulato* (Cf. DUNSHEE, 1941).

¹³ O divórcio legal, torna-se um direito civil a partir de 1º de janeiro de 1916, de acordo com a lei do código civil brasileiro, nº 3.071 (PLANALTO, 2002).

Muitas vezes eram desmoralizadas por seus cônjuges, pois elas perdiam toda autoridade de suas casas, e do seu dinheiro, pois tudo pertencia ao marido. Tinham a negação de qualquer direito aos bens, sendo expostas publicamente, como podemos observar na nota do jornal *A Bandurra (MA)* de 1828, que diz:

Fernando Antônio Carneiro, avisa ao respeitável publico, que sua mulher D.Antonia Senborinha Freire, depositada no Recolhimento de Annunciação e Remédios desta cidade, lhe moveo Libello de divócio; o qual se acha em grau de prova, para ser julgado; sendo certo, eu em quanto não ha sentença, e depois não he o casal partilhado no fôro competente, he o anunciante administrador de seu casal. Segue-se pois que a dita sua mulher, não pôde fazer contracto algum, e que he nullo, e insubsistente todo, e qualquer contracto que com ella se fizer sobre bens do mesmo casal; e porisso declara por este annuncio, que não paga quaisquer dividas contrahidas pela dita sua mulher, ou seja antes ou depois deste aviso; e protesta desde já reivindicar escravos vendidos.¹⁴

Assim, a mulher cumpria o seu destino, vivendo debaixo de uma autoridade imposta, normalizada para a época e era incontestável, e sem direito ao divórcio, pois isso traria desonra para ela e para toda a sua família. Então, deveria manter o casamento, mesmo com todo o maltrato. Entretanto, em muitos casos ocorriam os libelos¹⁵ de divórcio os quais não eram permitidos pela igreja, que detinha a autoridade legal na sociedade, porém, aconteciam com bastante frequência, pois o casamento civil somente passou a ser reconhecido na Constituição de 1891.

Com a separação entre Estado e Igreja, o casamento religioso ficava a desejo do casal, conforme suas crenças, mas não era mais válido ao Estado (Cunha, 2011). A imprensa do século XIX denominava as mulheres pelo título “bello sexo”. Em continuação do pensamento vigente no período colonial, as mulheres continuavam representadas como pacificadoras e débeis.

Eram impedidas de executar as mesmas tarefas que os homens, que eram tratados como superiores, sempre exaltados por sua virilidade, autoridade em meio a sociedade e o papel que desempenhavam em suas famílias. Esses rótulos foram amplamente disseminados no período, conforme descrito por Abrantes:

¹⁴ Deve-se ressaltar que a grafia dos documentos neste trabalho foi mantida conforme a escrita original.

¹⁵ Se referia a documentos legais que continham a declaração formal da pessoa que buscava pelo divórcio, o documento detalhavam as razões pelos quais o requerente acreditava que o casamento deveria ser dissolvido.

As características atribuídas às mulheres do século XIX procuravam expressar sua inferioridade e dependência do “sexo forte”, como a fragilidade, passividade, emoção, docilidade, sensibilidade, orientando-se pelos nervos e pelo coração. Já as masculinas ressaltavam as qualidades da força, coragem, razão (2014, p.19).

Tais características eram disseminadas na sociedade. A igreja era responsável por ajudar aos menos abastados, sendo a ajuda principal para os órfãos e as mulheres, por serem considerados mais fracos e necessitados dos cuidados masculinos. Os conventos de acolhimento para as mulheres sempre tinham a figura masculina do religioso, que se dedicava aos cuidados com o “bello sexo”. Considerados lugares de proteção para as mulheres, e como coloca Araújo et al. (2014, p. 97), “os conventos acolhiam mulheres casadas ou não, que tivessem necessidade de se acolher à instituição com vista a resguardarem sua honra, assim concedendo uma relação entre protegidas e protetores, que partilhavam dos mesmos valores”.

Em meio a todo estereótipo da fraqueza do “bello sexo”, a falta de conhecimento também as atingia. A educação escolar direcionada para o curso superior e ter uma profissão era uma ferramenta masculina, pois a mulher não poderia ter contato com diferentes tipos de leituras, já que eram consideradas nocivas e inapropriadas.

Portanto, os homens eram as figuras com maior chance de alcançar conhecimentos, o que os fazia parte ativa da sociedade, a ponto de falar abertamente sobre política, negócios e ter acesso a qualquer tipo de leitura. Mesmo quando as mulheres alcançaram o direito de receber instrução pública¹⁶, a educação para as mulheres era bem reduzida, com a exclusão das noções de geometria, restrição da aritmética, restando-lhes as quatro operações e ensino de prendas domésticas.

Por consequência, os currículos direcionados para educação feminina eram pobres em relação ao masculino e prevalecia os ensinamentos para o lar,

¹⁶ A partir do século XIX, a educação feminina foi ganhando espaço na sociedade, sobretudo a partir da lei da instrução pública de 15 de outubro de 1827, que nos seus artigos 11, 12 e 13, estabeleceu a abertura de aulas femininas em cidades e vilas mais populosas, além de definir o currículo, os critérios e as condições para preenchimento das vagas para a docência feminina. (CRUZ, MATOS e SILVA, 2018, p.153)

como nos revela um anúncio do Colégio de Nossa Senhora da Glória¹⁷, no *Jornal Correio D'annuncios: e semanário Commercial do Maranhão* de 1851 (p. 4) que diz:

O Collegio Nossa Senhora da Glória, na rua da relação casa n.11, continua a ensinar lêr, escrever, gramatica Portuguesa, contas nas especies adequadas a natural comprehensão das meninas, doutrina christa, cozer, marcar de differentes qualidades, bordar de branco, farpa, e de matriz, ponto de tapetes de várias qualidades [...].

Assim, o ato de aprender era algo visto como missão para se tornar mãe, dona de casa e esposa, sendo as prendas domésticas justificadas em nome das funções maternas das mulheres e que se constituíam em conteúdo essencial da escolarização feminina, uma vez que as mulheres deveriam ser apenas educadas, existindo uma distinção do que é educação e o que é instrução¹⁸.

A mulher devia ser somente educada ‘para formar o coração mais que tudo’, enquanto o homem precisava da educação e da instrução, ou seja, tanto de formação moral como da intelectual (Abrantes, 2003, p. 155), reflexo claro da desigualdade de gênero e do controle de uma sociedade patriarcal, que reforçaram estruturas de opressão, mantendo as mulheres em posição de subordinação.

Ademais, as mulheres eram tratadas com inferioridade no que se referia a capacidade da aprendizagem, quando no anúncio é colocada a seguinte questão: “Contas nas espécies adequadas à natural compreensão das meninas” (Farol Maranhense, 1828, p.167). Observa-se que além da restrição colocada ao aprender das meninas, a inteligência das mulheres era menosprezada, pois as “contas” consideradas difíceis eram deixadas para os meninos. O anúncio mostra de maneira clara as atribuições de uma mulher ideal, reflexo de preconceitos profundamente enraizados nas normas sociais que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens.

As mulheres da época sempre estavam em busca do conhecimento, em adquirir novos saberes, e dona Martinha Abranches desempenhava esse papel

¹⁷ A escola foi criada em 1844 por dona Martinha Abranches, avó de Dunshee de Abranches. A escola particular foi pioneira em educação para moças e senhoras da elite maranhense por mais de vinte anos. O colégio recebia moças do interior e até mesmo as senhoras de mais idade.

¹⁸ Educação refere-se aos conjuntos de hábitos adquiridos, é o efeito de se educar moralmente, recebendo bons exemplos e ter conhecimentos sobre moralidade. Já a instrução é a ação de instruir, conjunto de várias noções do saber humano, é o aprendizado das primeiras letras até chegar as disciplinas que aprendem nas escolas e Universidades.

de transmitir conhecimento até mesmo para senhoras. Dunshee de Abranches em seu livro de memórias *O Captiveiro* (1941, p. 113) exemplifica essa situação ao rememorar o papel de educadora desempenhado por dona Martinha, sua avó, fundadora da escola Nossa Senhora da Glória. Antes mesmo da fundação da escola, ela “se ocupava em dar instrução a senhoras que se envergonhavam da sua ignorância perante os filhos”. Segundo Telles:

A situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso: como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública e não recebe instrução porque não participa dela (2007, p. 407).

Suas qualificações apenas serviriam para o seu destino biológico e para cuidar da sua casa. Essa representação da mulher era mantida de forma contínua na sociedade, passando de geração a geração, de mães para as filhas.

A educação para “linhas e agulhas” foi se tornando algo necessário para o homem, pois seus filhos deveriam ser bem instruídos, “uma vez que a mãe servia de espelho, sendo o primeiro modelo para a perfeição da filha, tendo que apresentar uma conduta primorosa” (Abrantes, 2003, p. 155). E suas mulheres haveriam de saber conversar em público para que não fossem envergonhadas. Sendo o analfabetismo um dos maiores maus daquele povo, pois “o Analfabetismo embrutecia a vida”, como coloca Dunshee de Abranches (1941, p. 97).

O direito a aprendizagem da leitura e da escrita foi uma grande conquista para a mulher da alta-roda, apesar de a sociedade encontrar formas de deturpar a honra das mulheres escolarizadas, acusando que tais mulheres usariam seus conhecimentos para envergonhar suas famílias.

Tal mentalidade, herdada desde o período colonial, conforme afirma Abrantes (2003, p.131): “Uma vez que aprendessem a ler e escrever, teriam os meios para estabelecerem correspondências amorosas, o que era visto como um grande perigo para a honra feminina”, do ponto que essa honra deveria ser superprotegida para que se mantivessem puras e castas, para que não envergonhassem os homens de suas vidas, pai, irmãos e o futuro marido. Fazendo assim, da educação feminina algo nada confiável, que seria sempre usado para um “mal”.

4.2 As restrições ao acesso à educação

A educação feminina no Maranhão começou a ter destaque no ano de 1751, com a criação do Recolhimento de Anunciação e Remédios, pelo missionário jesuíta Frei Malagrida. O Recolhimento¹⁹ destinava-se à educação civil, moral e religiosa das recolhidas. Esta educação era destinada “às mulheres devotas a Deus (sem necessidade dos votos) e órfãs de pai e mãe, ou somente de pai (geralmente filhas de casamentos ilegítimos)” (Cunha, 2011, p. 3). Essa educação também visava obter mulheres devotas à igreja, e se fossem obedientes à religião, assim também seriam a seus maridos.

No ano de 1844 foi criada a primeira escola particular do Maranhão, que se chamava Nossa Senhora da Glória, criada por dona Martinha Abranches. Essa escola atendia meninas e mulheres da elite maranhense e oferecia o ensino primário e secundário para meninas, classes de alfabetização para senhoras casadas e uma classe para meninos de até 12 anos, a fim de prepará-los para o ingresso no Liceu Maranhense (Abrantes, 2003, p. 3).

O colégio Nossa Senhora da Glória tornou-se referência em educação e a sociedade contava com os muitos benefícios que poderiam trazer para as moças que estudassem lá. Os jornais da época traziam anúncios que revelavam os privilégios que as famílias teriam com o funcionamento da escola:

A elle devemos as melhores mães de família da província, é facto averiguado e digno de especial menção, que não consta que só uma das senhoras alli educadas se tenha desligado dos seus deveres na qualidade de donzelas, de esposas ou de mães (Diário do Maranhão, 03 de abril, 1856, p.2).²⁰

Em suas aulas estavam incluídas a educação religiosa, moral e cívica e preparo físico e artístico. As moças internas tinham que passar por uma espécie de “estágio do lar”, para serem avaliadas e saberem se já eram dignas de ter

¹⁹ Para o Cristianismo, a clausura nos conventos era um elemento essencial na organização dos conventos femininos. E embora homens e mulheres optassem por uma vida cenobita, a vida no claustro estava relacionada bem mais à própria condição de mulher do que propriamente à devoção. Era o princípio básico da sua vida religiosa. O esforço de resguardar a virtude e a castidade das mulheres confessas por meio da reclusão, mantendo-as distante dos contatos com o mundo e com a vida pública, marcou a diferença entre os sexos no universo da religião católica. (ALGRANTI, 1993).

²⁰ Deve-se ressaltar que a grafia dos documentos neste trabalho foi mantida conforme original.

uma casa, marido e filhos. Era uma forma de promover a familiarização ao que lhes era ensinado, como conta Dunshee de Abranches (1941, p. 114):

A's quintas-feiras, as meninas internas participavam de refeições, como se fossem banquetes de cerimonia, para que se habituassem "a estar bem à mesa e saber como deveriam servir às pessoas de distincção". Uma vez por semana à noite, havia aulas de dança, sob a rigorosa etiqueta da época, depois de uma hora de arte, na qual ouviam bôa musica e apprendiam a declamar (Abranches, 1941, p.114).

Em 1855, acontece a criação de uma escola pública profissional feminina, o Asilo de Santa Tereza, criada através da Portaria do presidente da Província, Eduardo Olympio Machado e era direcionado a atender meninas pobres, para que fossem educadas para o trabalho doméstico (Cunha, 2011, p. 4), tirando das meninas a autonomia intelectual, social e econômica.

Nesse período havia também aulas de primeiras letras para o sexo feminino, que faziam parte do universo de escolas públicas e particulares. Além destas possibilidades para a escolarização das mulheres, funcionavam aulas domésticas. Francisco Sotero dos Reis²¹, aos 18 anos deu início às aulas de Latim e francês não remuneradas em sua casa, e entre seus alunos incluía moças da sua família, bem como meninas de famílias com quem tinha amizade, como Henriques Leal descreve no *Pantheon Maranhense* (1873, p. 132):

Nas tardes ensinava em sua casa, e á noite tomava como agradável desenfado leccionar grammatica portugueza e Francez a suas parentas e a outras meninas de famílias de sua amisade, revezando essas lições com outras, também não remuneradas.

Enquanto isso, os homens eram preparados para a vida pública e para o ensino superior, frequentando o Liceu maranhense e outros colégios particulares. A desigualdade não começava apenas nos conteúdos que eram determinados para os homens e mulheres, mas essa diferença começava nas famílias, que investiam menos nos estudos das meninas. Muitas não chegavam a ter acesso à educação inclusive, como é possível observar abaixo, quando se percebe que o número de mulheres era sempre inferior ao número dos homens nas escolas do período:

²¹ Francisco Sotero dos Reis nascido em São Luís, em 22 de abril de 1800. Poeta, escritor, jornalista e professor do século XIX, deu aulas de Latim e francês, em escolas públicas, particulares e domésticas. Abriu sua casa para dar aulas gratuita para meninos e meninas.

Havia pouca diferença entre a oferta de instrução para a mulher rica e para a pobre, pois a condição socioeconômica as separava, a condição do gênero as unia e as colocava em igual situação. Os homens eram preparados para o ensino superior, para estudar fora do país, trabalho esse que o Liceu maranhense já fazia desde 1838, com os meninos das famílias abastadas. Enquanto isso, nem as mulheres mais ricas tinham acesso ao ensino superior (Rodrigues, 2012).

Juntamente com a falta de oportunidade escolar para as mulheres, se atrelava a falta de conhecimento das professoras de Primeiras Letras, que não recebiam nenhum tipo de educação diferenciada para lecionar para as meninas, pois apenas mulheres poderiam dar aula ao próprio gênero. Segundo Abrantes (2003 p. 2), as mulheres estavam subordinadas a um ciclo de vida repetitivo, pois mulheres com pouco conhecimento repetiam suas ideias rasas, as mesmas que haviam aprendido na escola:

As escolas públicas de primeiras letras para meninas deviam ser regidas por mulheres, sendo o critério principal para a escolha da mestra a sua conduta exemplar na sociedade. Com isso, embora as professoras se sobressaíssem nos ensinamentos das prendas domésticas, tinham grandes dificuldades em reger as demais matérias que exigiam conhecimentos de gramática portuguesa e matemática, o que era compreensível se considerarmos a pouca instrução que recebiam, não podendo ensinar com êxito aquilo que mal conheciam.

Entretanto, as moças pobres permaneciam sem nenhuma educação, pois cumpriam deveres em seus lares, assumiam papéis de donas de casa, mães e ainda tinham que encontrar alguma forma de auferirem algum dinheiro para sobreviver. As mulheres com maiores necessidades, de algum modo obtinham maior liberdade para terem um trabalho, sendo que nenhum deles exigia um preparo educacional ou intelectual para serem executados, como coloca Cunha e Silva (2010, p. 102):

Estas mulheres, em grande parte, eram mães solteiras que viviam sozinhas, concubinas que mantinham com a força de seu trabalho suas famílias, ou, então, mulheres que conseguiam dividir as responsabilidades de criação e manutenção dos filhos com seus homens. Eram doceiras, engomadeiras, lavadeiras, prostitutas, costureiras, que andavam pelas ruas sobrevivendo do comércio ambulante, livres, sem serem importunadas, o que era praticamente impensável para as mulheres de classes mais abastadas.

Essas mulheres pobres no desempenho de suas atividades, eram mulheres que trabalhavam de modo remunerado, mas que viviam à margem da

sociedade e não possuíam respeito ou prestígios. E mesmo que essas mulheres trabalhassem de maneira autônoma, ainda eram vistas como submissas. Contudo, já realizavam tarefas de forma independente, pois desenvolveram habilidades de cozinheiras, lavadeiras, doceiras, trabalho de costura e bordado, ensino particular, trabalhos artesanais e mesmo serviços sexuais, profissões além das permitidas para sua época, onde as habilidades femininas eram escondidas atrás de estereótipos, como burras, frágeis, que agiam mais pela emoção do que pela razão, alguns dos rótulos criados pela sociedade.

As mulheres pobres, dentro de suas limitações e de seus conhecimentos, ganharam a liberdade, cresceram e obtiveram voz no mundo do trabalho informal, destacando-se como comerciantes, engomadeiras, doceiras etc. (Matos, 2019), surgindo essa liberdade a partir das necessidades de mulheres, mães, que teriam que manter o sustento de sua família e não deixar seus filhos passarem fome.

E na metade do século XIX, as moças de famílias mais abastadas possuíam uma falsa liberdade²². Nesse período as moças tinham a liberdade de sair, ir a bailes e falar de uma gama de assuntos, como arte e línguas, como o francês, que era o idioma mais apreciado e estava na “moda”, o que revelava uma esposa em potencial para os homens da alta classe.

A interação social das mulheres, representada pela possibilidade de circular nos eventos e bailes da alta classe, servia mais como uma vitrine de exposição, situação para a qual recebiam formação no próprio currículo escolar, conforme descrito por Abrantes (2013, p. 2): “Esses conhecimentos seriam obtidos nos colégios femininos, que procuravam adequar seus programas para atender esse tipo de “educação de salão”. Educação essa que fazia as mulheres serem vistas como doces, benevolentes, e que deveriam se sentir honradas por servirem à família. E ainda, que realmente, para a época, um casamento bem-sucedido e a vida doméstica era o que muitas mulheres aspiravam.

²² As moças de famílias poderosas tinham a oportunidade de conhecer pessoas importantes, de obter um círculo de amizade favoráveis para a época, e possuindo a chance de obter uma educação de melhor qualidade. Entretanto, suas vidas eram totalmente regidas por homens, fossem eles, pais, irmãos, esposos ou tios na falta de alguns dos citados anteriormente, seus casamentos eram negócios a serem fechados para o mantimento de alianças, para fortalecer grupos familiares. Tornando essa liberdade de salão, totalmente falsa, não podendo essas mulheres tomarem as rédeas do seu próprio cotidiano.

As moças da elite bem-vistas pela sociedade eram as que se dedicavam ao lar, cuja educação era dirigida para a vida em família. As moças que fugiam dessa realidade não eram vistas com bons olhos no século XIX, a exemplo de mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras (Telles, 2007). As que desejavam obter outros conhecimentos, que queriam estudar fora do país igual aos homens, eram censuradas e tratadas com maior rigidez. Eram poucas as que conseguiam firmar-se e manter suas ideologias, porque a maioria se rendia às obrigações do ser mulher da época. Algumas apenas conseguiam sustentar-se quando consentiam com os mesmos pensamentos dos homens da época em questão, conforme descrito abaixo:

No século XIX algumas mulheres que se atreveram a deixar sua vida de simples dona de casa, a imaculada do lar, sofreu algumas repreensões da sociedade, pois as mulheres deste século escreveram e colocaram suas ideias no papel, mas não passou daqueles “cadernos goiabadas”, seus sentimentos e opiniões foram caladas pela sociedade da mulher imaculada... (Telles, 2007, p. 409).

Muitas críticas foram feitas nos jornais da época a respeito da educação feminina. Os jornais eram a ferramenta crucial para a expansão das opiniões da época e em 1828 já podíamos encontrar defensores assíduos da educação para a mulher maranhense. A maior crítica nos escritos recaía sobre a educação dada pelos jesuítas, que influenciou de forma crucial a educação das meninas, pois os antepassados e os pais não receberam uma educação de qualidade, e com isso, não colocavam suas filhas para estudar, como coloca a matéria do jornal *Farol Maranhense*, de 30 de maio de 1828 (p, 2):

Diremos agora com duas palavras sobre a educação do bello sexo; muitos pays temos visto, que dizem; - Deos me livre de mandar ensinar a lêr a minhas filhas!!! Este prejuízo que dos Jesuítas se transmittio aos nossos dias, parece que por uma fatalidade, ainda se conserva no modo de pensar de alguns pays de família d'esta provincia. Este máo proceder, é uma consequência da má educação, que receberam os nossos antepassados, uma prova do quanto as primeiras impressões têm o império sobre o homem.

O ensino apenas de prendas domésticas inibia a mulher maranhense de desenvolver sua inteligência e suas aptidões para a ciência e para todos os campos de estudos. Suas famílias tentavam protegê-las, sendo uma proteção que as privava de expressar seus próprios sentimentos, opiniões e de desenvolverem seu lado intelectual.

E por vezes, as famílias ricas negligenciavam a educação de suas filhas, essas que poderiam dispor para suas filhas, as melhores escolas da época. Entretanto, continuavam em meio a um conservadorismo egoísta. As filhas tornavam-se herdeiras de riquezas, fortunas que elas não administrariam, mas sim, outro homem que era agraciado com instrução e assim, eram proibidas de receberem a herança do saber. Ideia explanada no jornal *Farol Maranhense*, de 30 de maio de 1828 (p.167); que coloca em evidência um pouco do descaso dessas famílias do Maranhão;

[...] As maranhenses, são conhecidas em todas as partes, por serem dotadas de uma viveza extraordinária: muitas até tem mostrado gênio; e de certo si as sciências fossem cultivadas na nossa província, e as mulheres recebessem uma educação de que são merecedoras, tal-vez contássemos para o futuro outras *Sevignés, Staels, Genlis*. Que ilustrassem para sempre as paginas da história de nossa província!! Mas oh! desgraça: no Maranhão, é inteiramente desprezada a educação do bello sexo, ainda por aquelas pessoas que pela fortuna deverião promover essa parte da felicidade de suas filhas [...].

A mulher maranhense recebia uma educação que aparentemente a fazia parecer culta, apresentável. Ela devia demonstrar que sabia se portar, servir, cuidar da casa, arrumar uma mesa, cuidar dos filhos e deixá-los apresentáveis para qualquer ocasião. Era reconhecida por manter tudo em ordem.

O século XIX é marcado pelo surgimento de diversas escolas femininas, públicas e privadas, como Recolhimento de Anunciação e Remédio, Nossa Senhora da Glória e o Asilo de Santa Teresa, que ofereciam uma educação de qualidade para as meninas de acordo com o que era imposto na época.

Entretanto, muitas meninas não tinham acesso a essa educação e em muitos casos, os pais não priorizavam a educação feminina, a qual tratavam com total descaso, o que era notório nos livros de matrículas da época, onde se encontrava mais meninos do que meninas matriculadas.

As mulheres permaneceram à margem de toda a história da educação, e mesmo tratando-se de alunas, professoras ou proprietárias de algum estabelecimento de educação, sempre trataram as moças como figuras secundárias (Alves, 2021).

Desse modo, Maria Firmina também viveu à margem dessa sociedade, vivendo em tal contexto desse corpo social, mas se destacou a partir do seu concurso, sendo a única aprovada em um concurso estadual. Esse fato a fez se sobressair de todas as mulheres da época, oferecendo a ela certa notoriedade,

mesmo tendo estudado apenas a escola primária, e ter se preparado por conta própria para o concurso (Gomes, 2022).

Guiada por seu tio Sotero dos Reis (Gomes, 2022) que era um homem envolvido na sociedade, onde contribuiu intelectualmente e um dos seus papéis foi como inspetor de Instrução Pública da Província, e como coloca Gomes (2022), esse seu cargo pode ter influenciado diretamente na educação de Maria Firmina e de muitos outros membros pobres de sua família na escola pública de primeiras letras.

4.1 IMPRENSA E OUTRAS HISTÓRIAS

Os jornais trilham um encontro entre passado e presente, personagens/personalidades, os quais fizeram parte de um contexto histórico para a realidade atual. Eram homens e mulheres “normais”, que tiveram seus sonhos, desejos, conflitos, que visavam um futuro de possibilidades e oportunidades, e que agarravam seu presente com notável desejo e desse modo:

Devemos estar atentos para perceber as vidas desses personagens do passado não como inferiores à nossa, mas tão somente como de outro tempo, mas igualmente de homens e mulheres condutores de suas vidas e de suas significações em teias interpretativas expostas ao olhar do interpretante (Barbosa, 2022, p.23).

E assim, esses personagens deram início à imprensa maranhense, no ano de 1821, na cidade de São Luís, onde aconteciam de fato as maiores negociações comerciais do Estado, de acordo com Pinheiro (2007, p.8). São Luís tinha um espaço privilegiado, dando funcionalidade econômica cada vez mais diferenciada das outras cidades maranhenses, onde houve a maior concentração do empreendimento jornalístico e onde mantinha-se também o poder político.

Com isso, as cidades mais distantes da Capital, fora da margem litorânea, onde os conflitos sociais e a pobreza esbarravam no desenvolvimento do jornalismo dessas regiões e onde também muitos conheceram a imprensa apenas no século XX, em cidades como Codó, Carolina, Imperatriz, Açailândia, Chapadinha, Timon, Loreto, entre diversas outras.

Embora o jornalismo das cidades do interior do Maranhão tenha tido um papel importante para o desenvolvimento da imprensa no Estado, destacaremos o jornalismo de São Luís, que em 15 de abril de 1821, estreia *O Conciliador do Maranhão*, que circulou por algumas vezes de forma manuscrita, publicado duas vezes por semana, com volume de quatro a oito páginas, além de suplementos e folhas cobradas separadamente ou distribuído “gratuitamente”, como destaca Galves (2022, p. 51).

E a partir de *O Conciliador*, muitos outros jornais surgiram, cada um com sua devida importância para a Capital. Entre 1821 e 1979, a Região Norte registrou 397 impressos, mas em São Luís se concentrava praticamente 355 títulos e um número de apenas 42 periódicos eram distribuídos às outras localidades (Silva, 1981). E durante dois séculos, a Capital maranhense se manteve líder quanto aos números dos jornais.

O meio jornalístico era um ambiente predominantemente masculino, não havendo conteúdos direcionados para o público feminino, nem escritos feitos por mulheres, pois havia barreiras significativas devido às normas sociais, que nos remetem novamente à restrição do lar, e a imprensa, um dos meios de comunicação mais antigos, chegou ao Brasil no ano de 1808 no Rio de Janeiro, junto à família Real Portuguesa. O jornal revolucionou o dia a dia dos cidadãos brasileiros, mas refletia claramente as profundas lacunas da desigualdade de gênero na época, desde sua chegada no Brasil, limitando a participação feminina e suas possibilidades de expressão no espaço público.

Entretanto, a participação da mulher na imprensa demorou alguns uns anos, mas em 20 de setembro de 1827 no estado de Minas Gerais, o jornalista Pierre Plancher criou o primeiro jornal com conteúdo destinado ao público feminino, *o espelho diamantino* “Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Modas. Dedicado às Senhoras Brasileiras” (Duarte, 2016, p.11), o jornal era voltado às mulheres, mas não era feito pelo sexo feminino, fato que só se tornou realidade no Maranhão anos depois.

O jornal *O Conciliador* foi criado antes da promulgação da Lei de Instrução Pública de 15 de outubro de 1827 no Maranhão, “que autorizava a abertura de escolas primárias, inclusive para meninas, nas vilas mais populosas do país.” (Duarte, 2016.p.11), isso nos remete a pensar que o público era bem seleto quando se teve início no Estado do Maranhão. Portanto, as notícias eram

voltadas para as famílias de renome da cidade, as quais, em sua maioria, homens, que faziam a leitura e para os que entendiam dos negócios.

E fazendo parte desse grupo de homens/ jornalistas de renome da cidade de São Luís, podemos citar Francisco Sotero dos Reis, importante figura para o desenvolvimento do Maranhão, que se sobressaiu por ser um bom crítico literário, professor e gramático que transitava no meio jornalístico. Considerado uma figura importante na vida de Maria Firmina dos Reis, há suposições de que existia um vínculo de parentesco entre os dois, sendo ele primo de Firmina por parte de mãe e que pode ter sido responsável por parte da educação da referida (Zin, 2018).

Sotero morava a poucos metros da casa da mãe de Maria Firmina, sendo eles próximos e presentes um na vida do outro. Como Sotero era Inspetor de Instrução Pública da Província, o que é equivalente ao cargo de Secretário Estadual de Educação na atualidade, (Gomes, 2022), possivelmente, com a influência que tinha, poderia ter influenciado de forma direta para o ingresso dos membros mais pobres de sua família na escola pública.

Sotero dos Reis fez parte da consolidação da atividade letrada no Maranhão ajudando a colocar em evidência o jornalismo literário e a consolidar a opinião pública na capital São Luís. Ele e muitos outros homens de letras abasteciam diariamente os periódicos dos jornais, trazendo assuntos partidários, além de outros assuntos como lavoura, saúde, costumes, ciência, filosofia, religião, indústria, comércio, geografia e literatura (Martins, 2010).

Francisco Sotero dos Reis era bem influente e um dos mais respeitados na sociedade e jornais da época, fazendo parcerias com homens também importantes da época, como Gonçalves Dias, redator e contribuinte fiel dos jornais, bem como Belarmino de Matos, dono de tipografia. Período esse em que no Maranhão, o que era de origem local, estava em valorização, “a formação do gosto literário da época, com seus artigos de crítica literária e a divulgação e estímulo dos talentos locais e nacionais” (Martins, 2010, p.116).

E assim, nas poesias encontradas de Maria Firmina em seu álbum íntimo, alguns poemas são dedicados a seus familiares, como sua mãe, e onde se encontra um para Sotero dos Reis, nominado como “Minha terra”, no qual Firmina exalta as belezas maranhenses, dedicando o poema ao seu parente.

Maranhão! Açucena entre verdores, Gentil filha do mar - meiga
 donzela, que a nobre fronte, desprendida a coma, dos seios do
 Oceano levantaste!
 Quanto és nobre, e formosa - sustentando nas mãos potentes - como
 cetro de Ouro, O Bacanga caudal, - o Anil ameno!
 O curso de ambos tu, Senhora - domas,
 E seus furores a teus pés se quebram.
 Oh! como é belo contemplar-te posta
 Mole sultana num divã de prata,
 Cobrando amor, adoração, respeito;
 Dando de par ao estrangeiro - o beijo,
 E a fronte ornando de lauréis viçosos!
 Pátria minha natal, - ninho de amores...
 Ai! miséria de mim... quisera dar-te na lira minha mavioso
 canto, Canto exaltado que elevar-te fora
 "Té onde levas a nobreza tua!
 Porém o estro" deserdado, e pobre, Sonha,
 e não pode obrar o seu intento.
 Campeia indolente no leito gentil,
 Cercada das vagas amenas, donosas;
 Das vagas macias, quebradas,
 cheirosas do salso" Bacanga,
 do fértil Anil. Formosa rainha, c'roada de louros,
 Altiva levanta tua fronte gentil;
 Que Deus concedeu-te de graças - tesouros, Criando-te o mínimo do
 vasto Brasil. Exalta teus filhos fervente entusiasmo E quebram num
 dia sangrento grilhão!
 Contempla a Europa tal feito - com pasmo...
 E bradas: sou livre!... com grata efusão. Maranhão!
 Açucena entre verdores, Campeando gentil, bela, e donosa;
 Como em haste mimosa altiva rosa, Como lírio do Val cobrando
 amores.
 És ninfa sobre as águas balouçada, Descuidosa brincando em salsas
 praia;
 No pego mergulhada a nívea saia, A nobre fronte de festões ornada.
 Princesa do oceano! A fronte alçaste Por tantos séculos abatida, e
 triste...
 Um eco aqui repercutir-se - ouviste, E as vis algemas sob os pés
 quebraste! Quebraste os ferros - que o Brasil não sofre,
 Sequer um dia ser escravo, - não.
 És livre, és grande! Tão sublime ação
 Quem fez jamais - e tanto assim de chofre?!...
 O grito lá da serra do Ipiranga, O grito todo amor, fraternidade, Ecoou
 no teu seio! a liberdade, Pairou sobre o Anil, sobre o Bacanga....
 (Minha terra, Reis, 1871.)

A referida poesia estava destacada no livro de Firmina *Cantos à beira-mar*
 no ano de 1871. A poesia "*minha terra*" poderia muito bem retratar o papel que
 Sotero tinha na vida de Firmina e para o Maranhão, sendo ele uma
 representatividade de um povo e da terra, da qual nunca saiu. As poesias de
 Maria Firmina permitiram e ainda permitem a liberdade criativa, a expressão
 íntima, assim como um rompimento com as estruturas rígidas da linguagem
 objetiva, fazendo assim com que cada leitor tratasse de forma individual e íntima
 cada poesia (Masseti, 2023).

Quando abordamos a imprensa feminina e feminista no Maranhão, é possível destacar o periódico *O jardim das maranhenses*, o qual afirmava que aceitava a colaboração das leitoras (Duarte, 2016. p.212).

FIGURA 4: Páginas Do Jornal O Jardim Das Maranhenses.

ANNO I. SEXTA-FEIRA 20 DE SETEMBRO DE 1884. NÚMERO 38.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIÓDICO SEMANAL
LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscrição-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6—á 1000 reis por trimestre (ou 3 números.)
A redacção accêita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

O JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 19 DE SETEMBRO.

—Em primeiro lugar, é de rigoroso dever ao—
JARDIM DAS MARANHENSES— com muito respeito e
acatamento curvar-se ante o bello sexo e todo rendi-
do beijar essas moçoinhas tão bellas, e supplicar-lhes
de-culpem a falta que involuntariamente tem commet-
tido. E juntamente com igual respeito aos Srs. Assig-
nantes, pede-lhes que lhe perdoem, attendendo não ser
elle o culpado e sim o Editor, a quem fortes motivos
ebrigaram hir ao Interior, porem hoje se acha entre
nós e prometto ser pontual como d'antes.

O JARDIM com muita attenção affliza ao bello se-
xo, que choroso andava por não saber noticias do seu
defensor que continuará ainda com mais energia a
combater pelos seus direitos.

—Recommendamos aos nossos leitores a poesia que
abaixo vem estampada da Exma. Sra. D. Maria Firmi-
na dos Reis, distincta litteraria Maranhense.

De coração agradecemos á S. Exc. pela honra que
dâ ao nosso Jornal, collaborando-o.

LITTERATURA

MARIA.

— A NOVA SAPHO. —
TRANSL. DO MUNIZ.

(Conclusão.

III.

Dentro do peito geme esta alma minha
Lastimada e doída do impio caso,
Do successo cruel, e fim tão triste
Que aqui guardado estava a tal belleza.

Certo Real. Nauf. de Segulv.

Maria, Maria! tão joven, tão linda,
Mas tão maldada!

Tu victima ingenua do Amor, e do Engano,
Inmériia sina te fô destinada.

Tu pobre nasceste na humilde morada
De pais virtuosos:

A luz de seus olhos, seu mimo tu eras;
Seus dias cançados fazias ditosos.

Em quanto, ignorata, viveste em rotto,
Nos lares paternos crescias donosa,
E pura, innocente, sensivel, modesta
Bem como no campo florzinha mimosa.

Amaste, ó Maria! que mais dizer posso?
Que n'alma sensivel extremo é amor;
E amor que ameniza, embelleza a existencia,
Mil vezes a enche de horrendo amargor.

Nova Phaon seu amante
A' Maria abandonou;
Nova Sapho a desgraçada
Em desespero acabou.

Uma tradição constante
Esta historia transmittio,
E sobre essa mesma pedra
Uma alta cruz se erigio.

E dizem que em certos dias
Pouco antes do o Sol se pôr
Ouvião-se lá gemidos
E ais, que causavão pavor,

Um Sitio e Casa de campo
Ali se vêem hoje em dia,
E a cruz inda se conserva
Em memoria de Maria.

O' vós, corações sensiveis
Uma lagryma votae
A' memoria da infeliz;
Vendo a cruz e a pedra,—orae!

Ícatu—

UM ADEUS

Um—adeus—palavra triste e saadosa que separa
dous corações que se amão, duas almas que se com-
prendem!

Sentença do destino inexoravel, que corta esperan-
ças tão fagueiras, que aneia futuros tão lisongeiros.—

O longo ardo debruçado sobre seu leito de dor
com o corpo tranzido de gellido suor da morte, recos-
ta a cabeça encanecida no coração da filha, que em
breve será orphã, e murmura soluçando um—adeus—
profundo como a dor que o rala, e terno como a vida
que vai g'zar.

Entre elle e a filha querida da sua alma, se inter-
põe o eterno silencio de tumulo!

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

—Subscrive-se nesta typographia ou na rua da Viçação n. 6 à 18000 rs. por bimestre—ou 8 números—
A redacção aceita e publica todo o qualque artigo, com tanto que seja cou cobido em termos decentes.

✻ O JARDIM DAS MARANHENSES. ✻

MARANHAO 29 DE SETEMBRO.

—Com o presente numero finaliza-se o terceiro bimestre deste jornal, que, graças á Deus e a boa vontade dos Srs. assignantes, — conta com oito mezes de existencia!

Somos appellidados de indifferentes, e com muita razão, se, dando esta noticia, não conseguissemos aqui o nosso voto de eterna gratidão, á aquelles que, não só concorrerão com as suas assignaturas, como também as que honrarão as paginas do JARDIM com suas produções litterarias.

A todos em geral novamente supplicamos continuem á prestar sua valiosa protecção á prol deste jornal, que em nada tem desenhado o seu programma; e cujas paginas, com dantes, continuão á disposição d'aquelles que quizerem honral-as com seus escriptos.

Um motivo mui poderoso obriga-nos ainda á fazer esta supplica, digna por certo de ser attendida.

Existe em nosso poder, com destino á ser publicado no nosso jornal um bellissimo e interessante ROMANCE, primoroso trabalho da nossa distincta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora publica da Villa de Guimarães; cuja publicidade, tencionamos dar principio do n. 25 em diante.

Garantimos ao publico a belleza da obra; e pedimos-lhe a sua benevola attenção. A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convem muito animar-a, á não desistir da empresa encetada.

Esperamos, pois, avista das razões expendidas, que as nossas supplicas sejam attendidas; affiançando que continuaremos no nosso proposito: sempre defendendo o bello e amavel sexo—quando injustamente for aggredido.

Salus et pax.

—Em lugar competente acharão os leitores publicada uma bella Poesia do nosso distincto comprovinciano o Ilm. Sr. Joze de Carvalho Estrella, já muito conhecido entre nós pela sua illustração.

Agradecendo ao Ilm. Sr. Estrella o seu especial favor, que muito honra as paginas do nosso pequeno jornal, rogamos-lhe continue a honral-as com suas bellissimoas produções litterarias, para o que franqueamos-lhe as principaes columnas do JARDIM.

CHRONICA SEMANARIA.

Ora, valha-me Deus, valhão-me as suaveis e saudáveis leitoras do *Jardim*, que sempre me trazem em bem creias collizões. — Eufim, cubrião-me ellas com a egide de seus amorosos orações, fação-me confidente dos seus suspiros, figaró dos seus amores, o correio dos infalliveis (mas pouco usadas) cartinhas, que o resto.... vá por minha conta.

Mas eis apêrto, eis collisão, e bem triste: tu—lo geralmente tem principio, mas só eu agora é que não sei por onde começar!

Aqui é que mais apertão os cordéis.

Bem dizia minha avó, que—vespera de muito era dia de pouco.

O incansavel Chronista por amor de vós leitoras, tanto se exforçava por descrever segredos, e dar-vos materia para a discussão da semana; ah! já pouco ou nada pode fazer, porque foi infelizmente desenhado pelas moças que já todas o conhecem como as palmas de suas mãosinhas, porém, delle fogem como o demónio da Cruz, ou o Judéo do toucinho, como se costuma dizer.

E quem carrega com todo este peccadinho? ! Leitoras, mettei a mão na vossa santa consciencia, e vereis se ella não vos diz: — Foi a vossa terrivel indisciplinação!!

Poste descobri-lo, agora, em todo o cazo paciencia, resignação, pois nem por isso me zangou convosco, porque ajezar da mulher — *ter parte com o demónio*, (como diz uma velha minha vizinha) não será mais subtil e astuta do que o Chronista dando cumprimento a sua palavra.

A prova disto: *ecoutez*:

Em uma das noites passadas achava-se esse vosso creado repimpado como um sultão a'um dos assentos de azulêjo do passeio publico dos Remedios, onde apreciando o bello luar que então fazia, extasiava-se ao mesmo tempo ouvindo um excellente pedaço do *Rigolletto* tocado pela banda de muzica militar que ali se achava.

Todo entregue a harmonia da muzica, não havia reparado n'um grupo de moças que occupavam um assento junto ao qual se achava o Chronista *diletanti*. Só quando o echo cessou de repetir a ultima nota, é que dei fé t'inha interessantes vizinhas!

Formalisei-me com toda attenção que me é necessaria, e puz-me a escuta-las.

Santa Barbara! (exclama uma das circunstantes que fitava os olhos n'um rancho do mo-

Em primeiro lugar, é de rigoroso dever ao Jardim das Maranhenses – com muito respeito e acatamento curvar-se ante o belo sexo e todo rendimento beijar essas mãozinhas tão belas, e suplicar-lhes: desculpem a falta que involuntariamente temos cometido. E juntamente com igual respeito aos Srs. Assinantes, pede-lhes que lhe perdoe, atendendo não ser ele o culpado e sim o Editor, a quem fortes motivos obrigaram ir ao interior, porém hoje se acha entre nós e promete ser pontual como antes. O Jardim com muita atenção afiança ao belo sexo que continuará ainda com mais energia a combater pelos seus direitos. [...] (transcrição do jornal O Jardim das Maranhenses).

Nos editoriais de nº 23, 24 e 29 no *Jardim das maranhenses*, um dos maiores jornais da época que defendiam o sexo feminino, destacando sempre o trabalho de Maria Firmina e das leitoras da época, nesses estão destacados poemas, anúncios a respeito de seu livro e a publicação do conto Gupeva.

Além do *Jardim das Maranhenses*, é possível destacar alguns jornais onde Maria Firmina se destaca com seus poemas, contos, publicações de seus livros, como o caso de Gupeva, que foi publicado mais de uma vez. *Echo da juventude*, *Semanário maranhense*, *A moderação*, *O jardim das Maranhenses*, *Parnaso Maranhense*, *O jornal do comércio*, *O Domingo semanário crítico e literário*, *Diário do Maranhão*, *Publicador maranhense*, *O correio da tarde*, *Parnaso maranhense*, *Pacotilha*, *A imprensa*, *A verdadeira Marmota*, *Porto livre*, *Paiz*, *Almanaque das lembranças brasileiras*, são alguns jornais em que Maria Firmina fora contribuinte, desempenhando um papel muitíssimo importante naquela época, contribuindo de forma direta em trabalhos que apenas homens poderiam participar, sendo inspiração para as mulheres de sua época e da futura geração.

Podemos destacar que em sua vida de escritora há evidências de que Maria Firmina dos Reis pode ter recebido ajuda de Sotero dos Reis, seu primo, que era influente e de Belarmino de Matos, que era tipógrafo, mas o desempenho dessa mulher negra ninguém pode tirar. O momento que se sucedeu após a publicação de *Úrsula*, no qual Firmina usa o pseudônimo de “uma maranhense”, lhe abre asas para um sucesso proeminente nos jornais da época, com certeza duramente criticada por uns, mas completamente amada por muitos.

Maria Firmina dos Reis, através de seus escritos, conseguiu expressar a dor, a luta de raça, de gênero e a educação que era vivida na época, conseguindo em seus poemas se expressar como era ser educadora, mãe e amiga, tudo na voz de uma mulher afro-feminina, uma mulher que se esforçava pela perfeição de sua escrita, pois esta sabia que a educação foi que a conduziu

a lugares que até então, eram, em sua maioria, compostos por homens” (Barbosa, 2023). Ela sabia que não podia falhar, pois no menor de seus deslizes em qualquer momento de sua escrita, seria duramente criticada e até excluída do que já havia conquistado, sendo o belo sexo sem credibilidade.

5. PRODUTO DA PESQUISA

Sobre o produto técnico resultante dessa pesquisa, foi elaborado um livreto, com propósito de trabalhar Maria Firmina dos Reis em sala de aula na Educação Infantil, com intenção de fomentar valores de diversidade, igualdade e inclusão desde os primeiros anos escolares. Como Paulo Freire fomenta, a educação deve ser uma prática de liberdade que destaca a consciência crítica das crianças sobre as realidades sociais. Desse modo, as crianças devem ser expostas e esclarecidas desde cedo sobre a diversidade cultural para que reconheçam e respeitem a diversidade dos grupos sociais e étnicos, contribuindo cada vez mais para a construção de uma educação antirracista, que combate preconceitos e discriminações desde a infância.

Abordar Maria Firmina na educação infantil, com base em um em um ensino crítico e inclusivo, contribui para o desenvolvimento das crianças, bem como o desenvolvimento de seus pais, na intenção de que elas, as crianças, compartilhem seus saberes com seus familiares. Assim, busca-se não apenas o enriquecimento do currículo escolar, mas fomentar uma educação que promove cidadania, diversidade e equidade desde os primeiros anos de vida, visando algo essencial para que nossa sociedade possa ser mais justa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os fatos históricos, vemos que as mulheres tiveram, durante muito tempo, uma educação limitada, voltada exclusivamente para tarefas domésticas e sociais tradicionais por séculos, vivendo excluídas do acesso a uma educação formal e integral, impedidas de estudarem as ciências e de viverem uma vida pública, relegadas a um papel subalterno na sociedade.

Destacamos na pesquisa o contexto em torno da educação feminina e o apontamento dos jornais maranhenses no século XIX, sendo a imprensa canal

utilizado para a expandir posicionamentos de uma sociedade, bem como a defesa das mulheres, o contexto educacional e a inclusão do sexo feminino na imprensa local.

Nesse estudo foi possível compreender sobre a educação em torno das mulheres do século XIX, a forma como viviam reclusas de uma educação formal e como tal direito lhes fora negado por séculos, sendo essa educação da época permitida somente a um grupo seleto de moças, filhas de homens ricos da sociedade e estudavam para serem boas donas de casas e cuidarem de suas famílias. Entretanto, as que não tinham posses, viviam à margem da sociedade, o que ocorria também em relação à participação das mulheres nos jornais, espaço que era exclusivo dos homens.

Surgiram assim, nomes importantes que agiram em defesa dos direitos das mulheres, que se posicionaram e muitos usaram os periódicos como meio de divulgar suas ideias. Nomes como Francisco Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa²³, Almeida Braga²⁴, Sousa Andrade²⁵, homens que eram, escritores e jornalistas ativos na sociedade e que agiam em defesa da educação para todos de forma igualitária, com ideias totalmente progressistas. E nesse mesmo sentido de defesa dos direitos, com ideias renovadoras e relevantes, estava Maria Firmina dos Reis, que deixou sua marca, seus ideais na época, que se perpetuaram durante os séculos.

Maria Firmina dos Reis, professora, escritora, mulher, negra e “uma maranhense”, mostrou-se atemporal, vivaz e eloquente ao mostrar suas ideias, ao mostrar à sociedade daquela época que a mulher também tinha vez e voz, e que poderia fazer algumas classes silenciadas encontrarem seu espaço de fala a partir de seus ideais, através de seus livros, poemas, contos e composições espalhadas pelos jornais da época.

Firmina sempre teve plena consciência da importância e poder da educação. Quando ela diz “a mente, essa ninguém consegue escravizar”, faz-

²³ Foi jornalista, historiador e político maranhense, foi uma figura influente na imprensa e na política do Maranhão. Seu trabalho como jornalista e intelectual ajudou a promover ideias liberais e progressistas, como a importância da educação para todos na sociedade.

²⁴ Advogado, político e educador. Foi um grande defensor da educação e esteve envolvido na fundação de várias instituições educacionais no Maranhão, incluindo a educação feminina.

²⁵ Poeta e intelectual maranhense, defensor das ideias progressistas e do desenvolvimento intelectual no Maranhão. Suas obras e os pensamentos expostos eram modernos de vários segmentos, incluindo a educação para todos.

nos refletir sobre as possibilidades que a educação nos revela, além mostrar sobre as possibilidades que a educação propiciou para que Firmina tivesse notoriedade na cidade de São Luís, com destaque pelo seu concurso, bem como pelos seus escritos nos periódicos, destacando -se nos diversos tipos de escrita, seus poemas, contos, composições, diversas atividades artísticas, que percorreram pelos mais diversos jornais do século XIX, chegando à mesa de homens e mulheres daquela sociedade. Maria Firmina pode sim, ter recebido ajuda de pessoas influentes como Sotero do Reis, mas a escritora nunca se limitou à opinião de outrem, não se deixando definir pelo que o sexo masculino ditava no período.

As obras *Úrsula*, *A escrava*, *Gupeva* e tantos outros, tiveram um papel crucial na imprensa do século XIX. A partir de *Úrsula*, abriu-se o caminho para o desenvolvimento de outras obras. Esses escritos foram bem contextualizados, com muitos posicionamentos sociais, em um período de intensa transformação e luta social, em que Maria Firmina chegou a ser extremamente afrontosa em seus escritos, desafiando os padrões daquele século.

Os estudos sobre Maria Firmina estão cada vez mais em uma crescente, mas ainda se faz necessário a divulgação da vida e obra dessa mulher para as minorias, devendo sair do campo da pesquisa e das universidades. Todos, principalmente a população maranhense, necessitam conhecer a professora, a mulher, a escritora, que fez tanto pela nossa sociedade. Há em nosso meio diversas pesquisa sobre a escritora, cada uma trazendo novas interpretações, pontos de vista, e propostas diferentes. A literatura e poesia nos jornais daquela época nos revelam a coragem de uma mulher negra, a garra de uma maranhense, que enfrentou o patriarcado e o que lhes era imposto, dando um novo direcionamento a sua história. Há ainda inúmeros motivos para novos estudos da professora maranhense, que foi a precursora em seus escritos, publicações nos jornais, professora, negra e defensora dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, Dunshee. **O Cativoiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: (?), 1941.
- A BANDURRA. **Estado do Maranhão**. São Luís. nº 17, 1828.
- ABRANTES, S. E. A Educação do “Bello Sexo” em São Luís na Segunda metade do Século XIX. *In*: COSTA, W. C. da (Org.). **História do Maranhão: Novos estudos**. São Luís/MA: Editora EDUFMA, 2003, p.143-173.
- ADLER, Dilercy. Duzentos anos de imprensa no Maranhão: a obra de Maria Firmina dos Reis nos jornais oitocentistas. **200 anos da imprensa no Maranhão** - São Luís, EDUFMA, V. 1, 2022.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Honradas e devotas: mulheres na colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edumb, 1993.
- ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia**. *In*: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ALVES, Maria. **A PRESENÇA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 23, n. 70, p. 1-15, jul./ago. 2022.
- BARBOSA, Tatiara. **Raça, Gênero e Educação em “Úrsula” e “Cantos à Beira-Mar de Maria Firmina dos Reis**. Dissertação (Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas) – Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.
- BRITO, Nonato. Foto de arquivo (38) - Casa que pertenceu a Maria Firmina dos Reis na Praça Luís Domingues. Blog Vimarense – Para matar a saudade de Guimarães. 2018. Disponível em: <https://www.vimarense.com.br/single-post/2018/09/29/foto-de-arquivo-38-casa-que-pertenceu-a-maria-firmina-dos-reis-na-pra%C3%A7a-lu%C3%ADs-domingues>. Acesso em: 14 OUTUBO. 2023.
- BRUNER, J. **A interpretação narrativa da realidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CORREIA, Janaina Santos. MARIA FIRMINA DOS REIS, VIDA E OBRA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS AFRODESCENDENTES NO BRASIL. Londrina. Revista Feminismo. Vol.1, N 3, 2009.
- CORREIO D' ANNUNCIOS, SEMANÁRIO COMMERCIAL DO MARANHÃO. **Estado do Maranhão**. São Luís. nº17,1828, p. 625.

CUNHA, Suzana Karyme Gonçalves da. **A EDUCAÇÃO DE MENINAS DESVALIDAS NO MARANHÃO IMPÉRIO**. São Luís. Apresentação de trabalho/comunicação, **2011**.

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria J. Vieira. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Gênero**, Niterói, v. 11, n. 1, p.97-106, fev. 2010. Disponível em: <www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/62/40>. Acesso em: 5 abr. 2019.

CRUZ, M. S.; MATOS, E. L.; SILVA, E. H. “Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense”: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. **NOTANDUM** (USP). São Paulo, v.48, p.151 - 166, 2018. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand48/index.htm>>. Acesso em: 31 out. 2018.

DIÁRIO DO MARANHÃO. **Estado do Maranhão**. São Luís. nº163,1856, p.01.

DUARTE. Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: Dicionário ilustrado/ Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FAROL MARANHENSE. **Estado Maranhão**. São Luís. nº 02, 1828, p. 167.

FURTADO, Lucciani M. Memorial Maria Firmina dos Reis – Prosa completo & Poesia – volume 2/ Lucciani M. Furtado.

GALVES, João. O jornalismo nas cidades do interior do Maranhão e a estreia de "O Conciliador do Maranhão". Revista de História Maranhense, São Luís, v. 30, n. 45, p. 45-60, jan./fev. 2022.

GOMES. Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

LEAL, A. H. **Pantheon Maranhense**: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1873.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão oitocentista, V.18, jul-dezembro, 2010.

MASSETTI de Lima, Patrícia Fernanda. GENTIL FILHA DO MAR; a experiência do espaço marítimo na poesia de Maria Firmina dos Reis/ Patrícia Fernanda Massetti de Lima, 2023.

MATOS, Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. 3ª edição (revista e ampliada) São Paulo: e-Manuscrito, 2019.

MORAIS, José Nascimento Filho. **MARIA FIRMINA FRAGMENTOS DE UMA VIDA**. São Luiz: COCSN, 1975.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **IMPrensa Negra no Brasil do Século XIX**. - São Paulo: Selo negro, 2010.

PLANALTO. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. 2002. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm>. Acesso em: 10 jun. 2019.

RODRIGUES, M. L. **Educação feminina no recolhimento do Maranhão: o redefinir de uma instituição**. São Luís: café & lápis; EDUFMA; FAPEMA, 2012.

SILVA, Antônio Augusto Moura da. **A imprensa no Maranhão: um estudo histórico**. São Luís: Editora da UFMA, 1981.

TELLES, N. Escritoras, escritas e escrituras. *In*: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 407-409.

TJMA. Tribunal de Justiça do Maranhão. **TJMA lança iniciativa por equidade de gênero com Grupo Maria Firmina**, Maranhão, 28 de agosto de 2023.

ZIN. Balseiro Rafael. **Maria Firmina: A trajetória Intelectual de uma escritora Afrodescendentes no Brasil Oitocentista**. São Paulo, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 - Jornal o jardim das maranhenses nº 24. Anúncio
do romance Úrsula.

Anno I.

Segunda-feira, 30 de Setembro de 1861.

N.º 24.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

—Subscrive-se nesta typographia ou na rua da Viçação n.º 6 à 1\$000 rs. por bimestre—ou 8 números—
A redacção aceita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

MARANHAO 29 DE SETEMBRO.

—Com o presente numero finaliza-se o terceiro bimestre deste jornal, que, graças a Deus e a boa vontade dos Srs. assignantes, — conta com oito mezes de existencia!

Somos appellidados de indifferentes, e com muita razão, se, dando esta noticia, não conseguissemos aqui o nosso voto de eterna gratidão, á aquelles que, não só concorrerão com as suas assignaturas, como também aos que honrarão as paginas do JARDIM com suas produções litterarias.

A todos em geral novamente supplicamos continuem á prestar sua valiosa protecção á prol deste jornal, que em nada tem desmentido o seu programma; e cujas paginas, como d'antes, continuão á disposição d'aquelles que quizerem honral-as com seus escriptos.

Um motivo mui poderoso obriga-nos ainda á fazer esta supplica, digna por certo de ser attendida.

Existe em nosso poder, com destino á ser publicado no nosso jornal um bellissimo e interessante ROMANCE, primoroso trabalho de nossa distincta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora publica da Villa de Guimarães; cuja publicidade tencionamos dar principio do n.º 25 em diante.

Garantimos ao publico a belleza da obra; e pedimos-lhe a sua benevola attenção. A penha da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convem muito animál-a, á não desistir da empresa encetada.

Esperamos, pois, avista das razões expendidas, que as nossas supplicas sejam attendidas; affiançando que continuaremos no nosso proposito: sempre defendendo o bello e amavel sexo—quando injustamente for aggreddido.

Salus et paz.

—Em lugar competente acharão os leitores publicada uma bella Poesia do nosso distincto comprovinciano o Illm. Sr. Joze de Carvalho Estrella, já muito conhecido entre nós pela sua illustração.

Agradecendo ao Illm. Sr. Estrella o seu especial favor, que mui honra as paginas do nosso pequeno jornal, rogamos-lhe continue honral-as com suas bellissimas produções litterarias, para o que franqueamos-lhe as principaes columnas do JARDIM.

CHRONICA SEMANARIA.

Ora, valha-me Deus, valhão-me as amaveis santinhas leitoras do *Jardim*, que sempre me trazem em bem crueis collizões.— Enfim, cubrao-me ellas com a egide de seus amorosos corações, fação-me confidente dos seus suspiros, *figaró* dos seus amores, o correio dos infalliveis (mas pouco usadas) cartiñas, que o resto... vá por miolha conta.

Mas eis apêto, eis collisão, e bem triste: tu—lo geralmente tem principio, mas só eu agora é que não sei por onde começar!!

Aqui é que mais apertão os cordeis.

Bem dizia minha avó, que—vespera de muito era dia de pouco.

O incansavel Chronista por amor de vós leitoras, tanto se exorçava por descobrir segredos, e dar-vos materia para a discussão da semana; ah! já pouco ou nada pode fazer, porque foi infelizmente descoberto pelas moças que já todas o conhecem como as palmas de suas mãosinhas, porem, delle fogem como o demonio da Cruz, ou o Judéo do toucinho, como se costuma dizer.

E quem carrega com todo este peccadinho?! Leitoras, mettei a mão na vossa santa consciencia, e vereis se ella não vos diz: — Foi a vossa terrivel indiscrição!!

Foste descobri-lo, agora, em todo o cazo paciencia, resignação, pois nem por isso me zangom vosco, porque apezar da mulher — *ter parte com o demonio*, (como diz uma velha minha vizinha) não será mais subtil e astuta do que o Chronista dando cumprimento a sua palavra.

A prova disto: *ecoutez*:

Em uma das noites passadas achava-se este vosso creado repimpado como um sultão n'um dos assentos de azulêjo do passeio publico dos Remedios, onde apreciando o bello luar que então fazia, extaziava-se ao mesmo tempo ouvindo um excellente pedaço do *Rigolletto* tocado pela banda de muzica militar que ali se achava.

Todo entregue a harmonia da muzica, não havia reparado n'um grupo de moças que occupavão um assento junto ao qual se achava o Chronista *diletanti*. Só quando o echo cessou de repetir a ultima nota, é que dei fé tinha interessantes vizinhas!

Formalisei-me com toda attenção que me é necessaria, e puz-me a escuta-las.

Santa Barbara! (exclama uma das circunstantes que fitava os olhos n'um rancho de mo-

ANEXO 2 - Jornal O Domingo. Trecho do conto Gupeva.

O DOMINGO.

127

nha alma atirou a aquellas solidões geladas pelo sopro da morte;—esquecidas, dormentes, abandonadas no meio de uma população, que se agita, que se meneia, que ri, e folga; e que dorme não lembrada de suas saudades um somno tranquillo; porque a memoria do que ali jaz, não vem a noite, a hora do repouso collocar-se em torno do seu leito.

Esse suspiro prolongado doído como a agonia do moribundo, foi um echo de minh'alma febricitante, repercutido sobre as muralhas d'aquelle ambito de tristezas, ao qual eu sentia minh'alma presa, como a lousa na sepultura.

Esse suspiro, resumio um passado risonho; mas breve;—um passado feliz; mas... um presente de lagrimas e prolongadas amarguras...

Foi um suspiro intimo, doloroso;—um suspiro lento como soluço de agonizante.

Elle passou por meu peito despedaçando uma, a uma todas as cordas da harpa gemedora de minh'alma, e foi perder-se na amplidão do ceu; porque a terra não o podia comprehender.

Deos sim,—Deos o comprehendeu; porque comprehende a grandesa de todas as dores humanas; porque as pesa na balança do soffrimento;—porque compadecido de tão agro tormento, um dia nos diz:

—Basta!

Basta, sim;—porque esse martyrio é o grito de Rachel soluçando seu filho bem—amado... o brado do infeliz, que mão homicida despenhou no abysmo;—é o suspiro doloroso da rola solitaria!...

Basta... porque esse soffrimento é o vaso de abysintio, que amargura a existencia até o extremo;—é suor de sangue a gotejar na terra, espremido pelas agonias do Horto!...

Basta em fim; porque a alma enlanguece a força da dor que a dilacera;—os olhos inchutos pelas agonias da vida;—o coração desfeito, e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura!...

E o vapor corria, corria sempre.

Fim.

Guimarães—72.

Maria Firmina dos Reis.

MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

À Antonio Mello.

Vem do n. 30.

III

—Voto com o capitão! disse um dos circumstantes.

—E deve o fazer, continnou elle, porque, meu amigo, eu lhe conto: na mocidade a nossa vida é um vaso de flores...

—Menos a minha, disse eu, interrompendo-o; será uma toiga de cardos, chapada esteril, onde brotam unicamente doridos espinhos... o perfume dulcissimo de fragrantas flores só experimentei no berço... e lá mesmo... sabe-o Deos.

—Quero concordar, disse o arrojado marinheiro, tirando os oculos e depondo *Lunice's illustré*; mas se não fosse o Sr. tão precipitado, escutaria de minha propria bocca o reverso da bonita medalha que lhe tracei. Escutem-me, pois: e na qualidade de mais velho não admitto interrupção sem previa licença.—De uma vocação decidida pela vida maritima, com a idade de quinze annos assentei praça de grumete em um dos vasos de nossa esquadra, então sob o commando de um homem respeitavel pelo seu talento e virtudes. Comecei a navegar e o amor cego, por aquella vida crescia de ponto. Vi Portugal; e como lhes posso mostrar das minhas impressões de viagem, Lisboa, Porto, Coimbra e Braga viram os meus primeiros passos na carreira do amor... Eu que admirava o chorado de nossos sertanejos, extasiava-me vendo a *Canna-verde* das coradas *cachoppas* aldeans.

As obras d'arte, os aqueductos, estatuas e palacios não me influiram tanto como a simplicidade rustica d'aquella parte da população lusa.

Os pinhaes seculares que ali abundam foram por mais de uma vez testemunhas de minhas primeiras phrases de amor, murmuradas quasi ao ouvido de rechonchudas aldeans. Ah! tempo da *esfolhada* ainda hoje te choro... Passando á Hespanha, Córdova, Andaluzia e Madrid por fim foram theatro de minhas heroicidades... Já eu esquecia a *Canna Verde* e o *Fado* para me embriagar nos *tangos* e *boleros* tão communs entre a raça iberica... na Hespanha, quem não dança é condemnado ao ostracismo social, *ninas, muchachas y madres* vivem da dança e para a dança... Quantas *calles y plazas* não me escutaram dizer muitas vezes

*Hija querida de la gloria,
Hermana del pensamiento,—
My corazon te habla de amor...*

E no entanto, passando á Italia, Nápoles, Genova e Veneza varreram-me da mente a impressão do rosto gordo da *cachopa* lusitana e o pé pequeno e bem torneado da *hespanholita* dengosa. Quando a minha fraqueza de conquistador me levava a declarar que já tinha visto tudo aquillo, a napolitana espigada perguntava-me logo: *si è amatto? vedere Napoli e poi morir*; e as ruas de Nápoles, apinhadas de *lazzaroni*, e os canaes de Veneza, cobertos de gondolas, testemunharam não só as minhas aventuras arriscadas, como também as minhas lamentações, acompanhadas ou pelo bandolim, ou pelo *realejo*.

E o mesmo deu-se á respeito da Franca, Inglaterra, Escossia, etc. etc.; as pontes do Sena, *Love's street and Garden palace* presencearam,

ANEXO 4- Jornal PACOTILHA anunciando a viagem de Maria Firmina para tratar da aposentadoria.

PACOTILHA.

—E' verdade, perguntou este com uma careta, que vae casar-te com uma marquez?

—Sim, mestre, respondeu a cantora.

—Pois, minha filha, não é isso o que te convém... Uma mulher como tu só deve casar com um príncipe—ou com um cantor.

THEATRO.

A *Filha do Mar* subiu á scena hontem com as irregularidades inherentes a uma primeira representação de peça de movimento, com pessoal limitado e pouco pratico.

A urdidura dos dramas em que ha navios, subterrâneos, tiros, explosões, etc., é bem conhecida para que nos demos á análise do que foi hontem representado.

Na *mise-en-scène* figuravam uns penhascos feitos de grandes quartos de carne fresca, como si ali se tivesse realisado uma monstruosa hecatombe de animaes anti-diluvianos, e uma mina de cobre... a Pumpador.

Do desempenho tomamos umas notas, em virtude das quaes cumpramos o dever de cumprimentar o sr. Gandencia e a sr. d. Rosita, que, mesmo nas parças d'aquella natureza, tomam a serio os seus papeis e os desempenham conscienciosamente. Lamentamos ver esses dois artistas metidos em pateticadas como *A Filha do Mar*.

O sr. Eduardo, para capitão de navio carece saber mais na ponta da lingua a manobra e não forçar o publico a conhecer previamente por intermedio do ponto o que aquelle sr. tem a dizer.

Coube á sr. d. Ludgeria fazer uma velha marquez e, não obstante a sua mocidade, andou satisfactoriamente.

Corramos um vto sobre o resto. E aconselhamos ao publico que não deixe de ir ver *A Filha do Mar*.

Tem tiros, transformações, phrases compunidas da plebe contra a nobreza, etc., etc.

Cremos que nada mais no caso de afrahir enchentes.

Binocolini.

O capitão da 1.^a companhia do extincto batalhão n. 4 da guarda nacional do municipio de Alcantara Raphael da Costa Neto, foi mandado aggregar ao actual batalhão n. 4 d'aquelle municipio.

Entrou esta manhã de Anajibia e seguiu para Cayena o vapor francez *Jeanne Amiral*.

Amanhã haverá bailes nos Clubs Democrata e Hebe, e a noite na rua da Palma e este na da Paz.

Recebemos os ns. 67 e 68 do *Viannense*.

Chegou hoje o vapor *Gurupy*, procedente da linha costeira do norte.

Foi sancionado pela presidencia o decreto da assembleia provincial autorisando á presidente da provincia a afloar a companhia Progresso Agricola, as terras de propriedade d'esta provincia, sita á margem direita do rio Pindaré.

A manhã ás 9 horas da manhã seguiu para S. Bento o vapor *G. Dias*.

EPITOME ELEITORAL

E' este o titulo de uma obra que pelo Sr. Dr. Simplicio Coelho de Rezende acaba de ser publicada na capital do Piauy, e da qual teve o seu illustre autor a delicadeza de offerecer-nos um exemplar.

Parce-nos ser o mais completo trabalho no seu genero de quantos conhecemos, pois conta:—a

novissima reforma eleitoral, as instrucções de 29 de Janeiro ultimo, a consolidação das disposições não revogadas da legislação eleitoral anterior, todas as decisões conhecidas do governo expedidas para a boa execução da nova lei, analyse das disposições mais obscuras da mesma lei, regulamento e avisos, e finalmente um formulario completo, não só para o alistamento eleitoral e revisões annuas do mesmo, como para todos, os editaes, actas, termos, etc, tendentes ás diversas especies de eleição popular.

E', consequentemente, um trabalho utilissimo e indispensavel a todas as pessoas a quem incumba os diversos processos eleitoraes e aos cidadãos que desejam conhecer os seus direitos politicos e de veres creados pela recente lei de 9 de Janeiro do corrente anno.

Como tal recommendamos ao publico o trabalho do illustre advogado, a quem agradecemos a delicadeza da offerta.

Consta-nos achar-se a obra a venda na livraria dos Srs. Ramos de Almeida e C.

Assembleia provincial.

Funcionou hoje com 19 deputados.

Lida e approvada a acta, da qual o sr. 1.^o secretario do expediente, composto de 3 officios do governo remetendo sancionados varios autographos de leis.

Tiveram approvação as redacções definitivas dos projectos creativos das frestas no Brejo e duas cadeiras no interior da provincia.

Em ardem do dia foram approvados todas os projectos della constantes, entre elles:

Em 2.^a discussão o que interpele o contracto do emprezario do thesouro com as seguintes emendas:

Substitutivo ao art. 20.
+ § 1.^o O assucar pagará por cada sacco as seguintes taxas:

18 rs. de desembarque pagos pelo vendedor.

60 « « carreto, idem idem.

72 « « armazenagem, idem idem.

72 « « armazenagem pagos pelo comprador.

60 « « pesada idem idem.

60 « « embarque pela navio exportador.

500 rs.

Alem das taxas de armazenagem que são fixadas, não poderá ser cobrada nenhuma outra dentro do mesmo mez e se o genero permanecer por mais tempo no armazem pagará somente nova taxa de 72 rs. de armazenagem por cada mez. X. S. R.—Jansen e Ferreira.—José Pedro Ribeiro.

Para amanhã foi designada esta

ORDEN DO DIA:

3.^a discussão do projecto que estabelece novos limites entre as comarcas do Itapecuri e Rosário; 2.^a do que autorisa o estabelecimento de uma fabrica de fioção nesta capital;

3.^a das tabellias da camara municipal de Vianna;

3.^a das posturas da de Santa Helena;

3.^a do que interpreta o contracto do emprezario dos armazens do thesouro;

3.^a do Oramento provincial e do municipal.

A exm.^a sr.^a d. Maria Firmina dos Reis, professora publica de Guimarães e uma das raras senhoras que entre nós tem tido a insuperavel coragem de escrever para o publico, acha-se aqui na capital, para o fim de tratar de sua aposentadoria, visto contar mais de 25 annos de effectivo serviço.

A *Pacotilha* apresenta-lhe os seus respetos.

Passageiros entrados do Pará e escalas no vapor «Gurupy» hoje ás 11 horas da manhã:

Maximino R. de St. Churra, Jacintho A. Borges, Victorino A. Borges, Joaquin Alves de Azevedo, Padre Lino de Annunciação, Carlos Borges de Queiroz, João Antonio Ferreira Lisboa, sua sr.^a 1.^a filha e 2 escravos; João José Gabina, Mathews José Espindola 1.^a escravo, Antonio da Silva Moreira, Benedicto Lazaro Benevides, Raimundo Filomeno Benevides, Antonio de Azevedo de Mandonga, Joaquin Mariano Pereira Jorge e 12 escravos, Mafalda escrava, d. Maria Firmina dos Reis, Dorotheo Juvenal da Costa, Antonio Carlos de St. Ribeiro e 2 escravos, Manoel Raimundo Gutierrez e 1 escravo, Fausto Vellozo e 1 escravo, José Jansen do Paço, Francisco Mariano Franco de St. e 1 criado, d. Henriqueta Franco de St. e 1 criada, Domingos José Pereira, Lino Paulo de Carvalho, dr. José Mariano da Costa e 2 criadas.

Passageiros que até hoje tem tomado passagem no vapor «Bragança» para seguir para a Europa no dia 20 do corrente:

João Correia de Mello e sua familia, José Domingos Moreira, João Rodrigues de Moura, Manoel Nogueira Gomes, Margarida Evangelina Gomes da Costa, Elisa Anna da Costa Ferreira, tenente coronel Gastão Assunção Costa Pereira, Francisco da Costa Rodrigues, Joaquin Berillo Gonsalves Pereira, Gaspar Lopes Ferreira, José Maria Xavier de Carvalho sua sr.^a e 1 filha, José Villariño dos Santos.

Obitos.

Dia 22

Francisca Quirina, maranhense, 28 annos—tuberculos pulmonares. Uma criança filha de Martiniana—nasceu morta.

A pequena moral.

(Do Voltaire)

A preoccupação de saber o que se ha de fazer dos filhos das corizas é uma d'ssas inquietudes humanas que attestam o enfraquecimento mental d'uma raça e a ociosidade byzantina d'uma sociedade bastante rica para interessar-se nos rudes e grandes problemas da vida. Jamais entre os povos fortes a questão foi proposta; jamais entre os povos fracos encontra-se esta lembrança. A gente nasce de quem pode a natureza, que é também uma formidavel corteza, tendo filhos de todos os elementos, não nos instiga a piedades malhas e angustias ridiculas, pelos accasos de sua produção. The mistocles, dizem, era filho de metretiz; a historia censura-lhe sua mãe? Foi-lhe interdita a honra de viver? A Grecia em face de Salomão procurou saber quem lhe dera um nome?

O que mais importa n'este mundo não é nascer bem; é bom morrer. A honra não vigia a porta por onde entramos; é n'aquelle por onde sahimos que ella se acha com as suas pranchas. Dia virá, quando o romance e o theatro tiverem cessado de deprañar a consciencia e de falsear a opinião dos preguiçosos, em que será tão ocioso perguntar qual é a sorte dos filhos das cortezas como inquirir si elles tem dons bracos e duas pernas como os outros. E esta argente piedade que nos devora apparecerá em toda a sua bestialidade.

Eu penso algumas vezes n'esta philosophia pueril que inspira a litteratura actual e também no orgulho ingenuo de alguns dos nossos matadores de bonecas. Ah!

os atrevidos romancistas, os endiabrados dramaturgos, que julgam sinceramente marchar a frente da humanidade! Entretanto, pobres retardatarios, elles levam as bagagens, na retaguarda. Sôsim, talvez, no meio do tumulto universal, tenham reger a Sociedade, o que vae fazer d'este pequeno metretiz que chora? O que vae fazer d'esta mulher infeliz que enganou o marido e que o marido abandonou? Onde vae por este padre namorado a quem seus votos prohibem os que as leis physicas lhe ordenam? Sociedade, responde.

Meus amigos, lhes diz ella, não sei se já perceberam, mas n'este momento occupo-me em procurar comida para cincoenta milhões de creaturas humanas esmagadas. Estou planejando a perfuração do isthmus, o tunelamento de montanhas, e descoberta de passagens através dos gelos dos polos, a abertura de mares interiores nos saharias. Nos intervallos é ainda preciso que eu me dedique á extincção de alguns flagellos, tais como a guerra, o cholera, a embriaguez e a ignorancia. Depois, tenho a cabeça cheia do problems urgentes, os da applicação geral dos motores electricos, do desenvolvimento do vapor, da locomoção, das produções das communicações e das relações humanas. Os srs. veem como estou sobrecarregado de trabalho, sob as vistas de um senhor duro, severo, impiedoso, sempre de chute em punho e que se chama Futuro. Devo, d'aqui a um seculo quando muito, ter alterado a geographia do universo, modificado o mundo physico e intellectual, explicado o desconhecido e penetrado os mysterios; devo mais n'esse curto espaço de tempo, ter colonisado a terra que ainda tem tres quintas partes desertas; comprometti-me, alem d'isso, a desembarcar os dos cultos e das religiões, anthropophagos ou conscienciophagos, que fazem dos Srs. uns brutos, imbecis e canibales. Devo, os Srs. bem sabem, dar-lhes as taboas definitivas dos seus direitos e inicial-os nas praticas da Liberdade. O que fizem d'esta pequeno trabalho? E' aspero, heim! Tenham, portanto, a bondade de largar a minha saia. E' muito lindo, esse filho da metretiz, muito commovente, muito interessante, mas interessante como elle já tenho visto milhões... porque estou muito velha. Sua miseria particular perde-se na enorme miseria geral de que eu propuz-me aliviar-os a todos. Elle ama sua mãe e a mãe não o ama, dirijam-se á natureza, e com ella o caso. Quanto á mim não o impedirei de ser The mistocles, si elle desejar, o mesmo d'Alembert, si o preferir. O padre atormentado pela mocidade e a mulher adúltera que illude o marido, nenhum cuidado me dão. Em um naufragio não se olha si a gente vae junta ou separada, nem se tem esse direito. Primeiro salvai-os. Elles que se expliquem na terra firme. Larguem a minha saia, meus amigos e deixem-me ir trabalhar.

E' na verdade um indício do desmoronamento do nosso senso moral e mesmo do nosso bom senso, o interesse pueril que ligamos, em plena evolução social, a todas estas pequenas evoluções physiologicas, a todos estes pequenos problemas subitís da reprodução. O individualismo, que não é mais que o egoismo rimado, tem-nos feito perder o sentimento das proporções no soffrimento. Sentem mais piedade pela dor de um marido trahido do que pela fome de um quarterão, ou a inundação de uma provincia, ou o incendio de um capital. E' uma pena ser trahido e uma alegria não o ser.

Toda a vida moderna prende-se nas pontas d'este dilema. A litteratura atira-se sobre isto, enxada, de azas cortadas. No theatro só ha um assumpto—6 adutorio. No romance só tem thema, a corteza ou o padre, o padre ou a corteza, depois o filho da corteza, a corteza do padre, o padre da corteza, que sei eu! Uns chamam a isto naturalismo, outros chamam idealismo. E' tudo o mesmo. Oh! saiamos disso!

Saíamos porque não ha drama verdadeiro, nem paixão grandiosa, nem idéas vastas n'este ramão massante e eterno. Uma caça ao urso ou á panthera commove-me mais genericamente, e faz sair de mim um homem mais humilde, mais altivo e mais livre, do que estes estreitos debates de casuística sentimental. A descoberta, romancista! A caminho, poetas! Em viagem, dramaturgos! Os vapores fumegam e balançam-se nos portos. As locomotivas assovião e chamam os exploradores do mundo novo. O que fazem os Srs. ali com os seus binocolos a descobrir Parques Monceau?

Mirabau disse: «A pequena moral mata a grande! A mata também a arte, a pequena moral, a pequena moral, a pequena moral, a pequena moral. Mas quando os Srs. vierem a ver a obra de Victor Hugo apparece tão grande aos olhos dos homens do decimo nono seculo e porque elle excede á todos os poetas do seu tempo, pade-se responder que é porque só elle escreveu como se deveria escrever—na emoção profunda e admiradora do advento da nossa vida e da promulgação da Grande Moral.

L'homme masqué.

EMPRESA
FERRO-CARRIS MARANHENSE.
Domingo 24.
Serviço para o
Cutim.
IDAS:
2 carros ás 6 h. da manhã.
1 dito ás 11 30 " da tarde.
2 ditos ás 4 " da tarde.

VOLTAS.
2 carros ás 8 20 " da manhã.
1 dito ás 1 40 " da tarde.
2 ditos ás 5 40 " da tarde.

Aviso.
Carro sem passageiros fica na Estação e havendo affluencia seguirão mais carros doquelle ponto. Se não chover é que haverá carro ás 11 e 30 da manhã.

Maranhão, 22 de Abril de 1881.
O caixeiro da empresa
Joaquin Antonio Moreira.

THEATRO S. LUIZ.
Companhia dramatica dirigida pelo artista
Rodrigues Sampaio.
Domingo 24 de abril.
4.^a ESPECTACULO.

VERDADE E RANOVIDADE.
A 2.^a representado o excellente drama matitino de grande espectáculo em 1 prologo e 4 actos, intitulado:
A FILHA DO MAR.

ANEXO 5 - Trecho de Gupeva no Jornal JARDIM DAS MARANHENSES.

114

—O JARDIM DAS MARANHENSES—

chamado hoje o Sr. Anno passado, depois de morar-nos em casa 365 dias, aonde plantára toda a sorte de malícias, (menos de dinheiro, que a todos deixou queixosos), levou uma boa dóse de pontapês pelas cadeiras, e posto no *olho da rua*, foi dar a ossada na fônte do Apieum, que então também gemia e praguejava contra o rival—Anil.

—Voltando ao caso, o que dizia eu?

—Ah! sim, queria saber desde que tempo não converso com as minhas encantadoras leitoras, o que *ut ego cogito*; (é latim,) *comment je pense*, (é francez,) se bem me recordo, (isto agora é portuguez,) foi . . . foi antes da festa e exposição dos Educandos Artífices, na qual o *Jardim* inda não tocou se quer de leve. Hoje porem, ainda que tarde cumpre fazê-lo.

Le cessem as murmurações

Calla-se o zabumba

Prestem-se as attentões

—Erio 5 horas da tarde d'um dia que dizia a folhinha ser Domingo, atravessava eu muito calçado o immenso areal ao lado do Quartel, que em meio Sahara submergia nesse dia os transeantes. Contemplava tristemente o estaio á que ficarão reduzidas as minhas pobres calças brancas, quando ouço juncto a mim uma voz que para logo conheci ser a de um sujeito da roça, antigo companheiro de escella.

—“O! lá meu amigo, me diz elle; até onde *bajuga Vmc.* essas gambias?”

—Ora não sabes? Digo-lhe eu; vou a exposição, para onde tenciono levar-te.

—Sim, me diz elle, eu mesmo ja ia nos zi-

ouvido de marítimo, o ruido dos remos, e quando cessou de ouvil-o, exhalou um profundo suspiro, e foi occupar o lugar de Gastão

II.

E aquella bella, e melancholica tarde, succedêra como já dissemos uma noite escura, e feia. As nuvens ameaçavam tempestade, e o vento gemia nas solidões das matas. Entretanto, Gastão, ebrio de felicidade; porque acabava de transpor esse pequeno lençol mivediço, que o separava da terra, dessa terra querida, onde hia encontrar a mulher de suas afeições, Gastão, dizemos nós corria como um louco, importando-lhe tanto a escuridão da noite, como lhe tinha importado a belleza arrebatadora da tarde. As nuvens, arqueavam-se negras, sobre os rochedos, por entre os quaes insinuava-se elle louco de esperanças, e de amor. Gastão, corria afadigado, dir-se-hia ter azas, entretanto o caminho parecia-lhe por demais longo. Tardava-lhe ver Epica.

ducandos ver isso, mas, diz-me, o que é *disposição*?

—Quazi rebento de rir-me como a rã da fabula, enfim tomei um ar de conselheiro, franzi e sobr'olho como fazia o meu mestre, escarrei seis vezes como fazem os oradores da época, e fallei:

—Meu amigo, queres então que te diga o que é exposição? Olha, nada mais he do que um lugar aonde se reúnem raridades, preciosidades, celebridades, immoralidades e muitos outros desses nomes que me não vem agora a cachola.

—Então é para ahi que queres levar-me? disse o amigo já meio encordado.

—Calla-te, que na esphera em que habitamos tudo são exposições; em qualquer lugar, tudo e todos estão sujeitos as vistas curiosas de quem quer que seja, pelo que gozamos da mesma faculdade.

—Nisto entramos, a musica executa uma provocadora walsa e as moças circullando por todos os lugares fazião interessante alvoroto.

—Eis aqui, digo eu ao meu intruzo, entrando na sala dos *retratos*, eis aonde melhor devemos conhecer-nos. Vê entre aquellas phisionomias mudas, esta paysagem representando um *conde emigrado* affectando a posição de orador. Observa estes delicados trabalhos dos Collegios da Gloria e Soledade, e não deves deixar de bem examinar aquelle lindo quadro de madeira classificado como obra-prima da exposição.

Vê ainda d'aquelle lado, o Tinoco, provo-

Por essas sendas tortuosas, por essas bre-nhas quasi virgens de uma habitação do homem civilisado, por esses lugares, que ja não tendo aqui, e ali a selvagem belleza d'uma mata virgem, não tinha também em parte alguma o character d'uma povoação, corria velozmente o joven collega de Alberto, sem outra ideia mais que a de encontrar em breve a bella filha do deserto. Nem sempre aos vinte e um annos o homem tem o coração gasto, e resfriado pela successão continua de paixões desenfreadas: aos vinte e um annos, ainda o homem não se pode furtar aos transpostes d'um amor puro, sentimento unico na vida, que nos faz virtuosos, que nos aproxima de Deos, que nos purifica a alma, elevando-a nas doçuras d'um extasi, até as regiões do céu.

(Continúa.)

ANEXO 6 – Poesia no Jornal SEMANARIO MARANHENSE.

8

SEMAMARIO MARANHENSE.

Teus innocentes agrados,
Teus suspiros magoados,
Modificam tanta dor.
Vem pois com tuas caricias
Infundir brandas delicias,
E com suaves blandicias
Enthusiasmar-me de amor.

Guimarães—1868.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

CHRONICA DO EXTERIOR.

Noticias vindas por um navio mercante e extrahidas do *Jornal do Commercio* de Lisboa adiantam o conhecimento de alguns factos importantes, que só muito resumidamente podemos transmittir aos leitores.

A crise politica em Portugal não parou na demissão do gabinete Aguiar-Fontes e na nomeação de um outro, representante do partido opposto e presidido pelo Sr. conde de Avilla. O novo ministerio já dissolveu a camara temporaria, convocando a novamente eleita para reunir-se no dia 27 de abril proximo vindouro, e assumiu a dictadura. Entre os primeiros actos dictatoriaes do ministerio Avila encontram-se os da revogação das leis de reforma administrativa e impostos de consumo.

Foram nomeados varios governadores civis, e o governo preparava-se para o pleito eleitoral, contando naturalmente com a obtenção do triumpho. A imprensa jornalística estava a considerar como muito critica a situação politica do paiz; reina ainda a agitação nas provincias do Minho e Tras-os-montes; a opposição dispunha-se a contender nas eleições com todas as suas forças, tendo já feito uma grande reunião em casa e sob a presidencia do Sr. duque de Loulé.

A politica do actual gabinete é radicalmente reaccionaria, sendo que, dos actos, que já tem praticado, conjectura-se que perturbações graves talvez venham a produzir-se.

A questão do Oriente, que em 1855 deu lugar á guerra europeia, estava a caminho para o fim de renovar-se. O governo russo, influido nos estados da Servia, Bulgaria, Montenegro e Moldavia, servindo-se dos representantes dos paizes danubianos como de instrumentos ás suas tendencias e desejos de alargamento de territorio e posse da chave do mar negro, armava-os por meio de seus agentes e armava-se tambem, sendo o fim de taes preparativos bellicos o fazer a Russia pressão sobre o governo da sublime Porta. Pedro o grande no seu testamento aconselhava aos seus successores que nunca perdessem de vista a posse de Constantinopla, porque, firmados os russos com os pés nos Dardanellos, poderiam dar com o knout nos povos do occidente.

Corria que a Russia conta com a aliança da Italia e da Prussia; neste facto está a politica italiana de accordo. Em 1855 o Piemonte uniu-se á França e á

Inglaterra contra a Russia e mandou o seu contingente á Criméa, para que se podesse fazer representar no congresso de Paris, armando á posse do Milanez e do Veneto contra a Austria. Actualmente a Italia, que deseja apoderar-se de Roma, combaterá em favor da Russia, afim de ver se realisa o seu desejo. A Prussia, que sempre foi russa, arma á derrota completa da Austria e ao desforço sobre a França.

Alguns telegrammas já tinham declarado que o Sr. de Beust, ministro austriaco, expediu despachos aos seus agentes diplomaticos, dando-lhes como certo o máo estado das relações entre a Austria e a Prussia, assim como tambem que as relações entre a Prussia e a Inglaterra não eram satisfactorias.

A França armava-se; e, em caso de conflicto, parece que terá por aliados a Inglaterra e a Austria.

Dado o conflicto, a questão não se limitará somente ao Oriente; a Italia e a Alemanha obterão um resultado qualquer para a obra da unificação inteira dos dous paizes.

No Mexico dá-se como existente a continuação da guerra civil em alguns pontos do interior da republica, e cada vez mais ateiada. Afirma-se que o general Profrío Dias tinha seguido com tres mil homens sob o seu commando para o Iucatán, e que, apesar de haver o presidente Juarez dispensado grande numero de soldados do serviço activo, alguns generaes recusavam-se a cumprir a ordem, mantendo no mesmo pé as suas divisões militares.

Havia sahido do Mexico no vapor de guerra *Jason* o corpo diplomatico inglez, conduzindo consigo todos os papeis e objectos do archivo da legação.

E. REIMAR.

CHRONICA INTERNA.

Passamos do carnaval para a quaresma quasi que sem o menor abalo. Os tres dias do *adeus á carne* foram dias de peixe, pela temperança e samsaboria dos mascarados.

Não houve falta de bailes nem de caravanas, houve falta de boa vontade. Os grupos, espalhados pelas ruas, eram fúnebres e caprichosamente mal amanhados; os bailes eram verdadeiros purgatorios e não fazião lembrar os versos do Thomaz Ribeiro:

.....o baile era de mascarar!
era a folia infrene, o doido carnaval!
tropel em turbilhão de sonhos mil phantasticos
o vasto auri-luzente abysmo festival!

Um mundo multicolor, em multiforme vortice!
onde remanda á vida, a uma hora de prazer,
um ente, cada povo; um traje, cada seculo:
sombrias que vem folgar, sorrir, desaparecer!

E a dança, a dança infrene! o delirar da muzica!
e o revoltoso prisma á remoinhar sem fim!

festão aberto e esparso a dardejar relampagos!
frangancias d'um salão, delirios de um jardim!

Prazer e febre em tudo! Era um correr electrico
de fremitos de amor! de anseios de prazer!
um desejar sem fim! sopravão filtros lubricos
no aroma, cada flor; no rir, cada mulher!

Pois não foi nada disso o baile de mascarar de domingo e em má hora lembrou-se o S. Luiz de dar um quinão no poeta dos *Sons que passam*!

No baile o que havia de estrondoso e barulhento era unicamente a orchestra do Sr. Poppe e o cancan da Sr.^a Bluelte.

Falem-me d'isso! Que orchestra, e que cancan!

O maestro Poppe, rodeado de revolvers, de sinos, de tambores, de cegaregas e de *hurrahs*, fazia executar quadrilhas á Musard, e walsas de provocações e desafios!

Porem que gelo espalhado sobre os dansadores! Que mascarar imperturbaveis, bem comportados, cidadãos pacificos, e meditabundos!

Cada um parecia trazer luto por si mesmo, ou pela sua alegria, e todos elles fugião dos profanos desmascarados, e das profanissimas e descabelladas mazurkas!

Como um protesto vivo contra essa monotonia e timidez, a Sr.^a Bluelte sacudia-se sem piedade, peneirando o cancan mais endiabrado, hysterico, convulsivo e espasmodico de que ha noticia por este mundo.

Um eu outro mascarar espirotooso ou bem vestido atravessava o deserto, bocejando, e retirava-se da ruim companhia dos homens pacatos e dorminhocos, que forão ao theatro por penitencia.

Os apregoados Templarios zombarão dos que esperavão vel-os com os seus trajes historicos. Olhar para aquelles farricocos, na esperança de ver um companheiro de Conrado Walenrod, era uma verdadeira logração.

Disserão-me que com esse traje baratinho é que os antigos Templarios costumavão ir ás mascaradas d'aquelles tempos. Sendo assim...

A caravana dos francezes, se bem que luzida, esteve pouco numerosa.

A Republica Franceza; a Nympha Brasileira, Napoleão o Grande, Gentil-Bernard e outros typos da comitiva trajavão com gosto, propriedade e riqueza.

O producto das esmolos não foi avultado, mas foi a melhor reminiscencia do carnaval, que, em abono da verdade, foi este anno uma grave festa, muito pouco para rir.

Não fui ao baile de terça-feira. Dizem que esteve melhor. Não jejuei na quarta-feira de cinza, e adoeci na sexta. Hoje sabado escrevo esta resepha tão ás carreiras, que tropeço neste ponto, o qual será ponto final.

PIETRO DE CASTELLAMARE.

Typ. de B. de Mattos—Imp. por Manoel F. Pires, rua da Paz 7.

Os que quizerem noticias mais amplas de tão extraordinaria descoberta, consultem os Varões illustres do Brasil, durante os tempos coloniaes pelo Sr. J. M. Pereira da Silva e a Memoria lida na sessão litteraria da Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 20 de Maio de 1840, pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho, que hão de encontrar importantes citações de valiosos documentos.

R. A. CORREA DE FARIAS.

HOSANNA.

Que diz o infante,
Se o rir d'um instante,
Se muda inconstante
N'um meigo chorar?
Que diz a donzella,
Que scisma tam bella,
Que sente, que anhela,
No seo meditar?..

Que dizem os palmares,
Que doceis aos ares,
Nos ledos folgaes,
Sorriem-se á gemer?
Que diz a rolinha,
Qu'á tarde sósinha,
Saudosa definha,
Se o par vê morrer?

Que dizem as flôres,
Emblema de amores,
De infindos primores,
De infindo gosar?
Que diz meigamente,
D'orvalho nitente,
A gôta cadente,
Qu'a flôr vem beijar?

Se brame raivoso
O pélago iroso,
Se geme saudoso
Na praia,—o que diz?
Que dizem os cantos,
De magos encantos,
Que ensaia, sem prantos,
Mimosa perdiz?

Que diz a vaidosa
Gentil mariposa,
Qu'o suco da rosa
Fragante libou?
A loura abelhinha,
Que diz quando asinha,
Beijando a flôrzinha,
Seu mel lhe roubou?

Que diz a erma fonte?
Que diz o horisonte?
E o cume do monte,
Que se ergue altaneiro?
Que diz ternamente
A lua nitente,
Se corôa indolente
O verde mangueiro?

Que diz todo o mundo,
N'um voto profundo,
Eterno, e jucundo,
Erguendo-se aos céos?
Diz grato—amoroso
Hosanna! e soidoso,
É tudo um formoso
Concerto ao seo DEUS.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

Assigna-se para este jornal nesta typographia a dois mil reis por 3 meses.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ANEXO 8 – Trecho de poesia no jornal SEMANARIO MARANHENSE.

8

SEMAMARIO MARANHENSE.

Teus innocentes agrados,
Teus suspiros magoados,
Modificam tanta dor.
Vem pois com tuas caricias
Infundir brandas delicias,
E com suaves blandicias
Enthusiasmame de amor.

Guimarães—1868.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

CHRONICA DO EXTERIOR.

Noticias vindas por um navio mercante e extrahidas do *Jornal do Commercio* de Lisboa adiantam o conhecimento de alguns factos importantes, que só muito resumidamente podemos transmittir aos leitores.

A crise politica em Portugal não parou na demissão do gabinete Aguiar-Fontes e na nomeação de um outro, representante do partido opposto e presidido pelo Sr. conde de Avilla. O novo ministerio já dissolveu a camara temporaria, convocando a novamente eleita para reunir-se no dia 27 de abril proximo vindouro, e assumiu a dictadura. Entre os primeiros actos dictatoriaes do ministerio Avila encontram-se os da revogação das leis de reforma administrativa e impostos de consumo.

Foram nomeados varios governadores civis, e o governo preparava-se para o pleito eleitoral, contando naturalmente com a obtenção do triumpho. A imprensa jornalística estava a considerar como muito critica a situação politica do paiz; reina ainda a agitação nas provincias do Minho e Tras-os-montes; a opposição dispunha-se a contender nas eleições com todas as suas forças, tendo já feito uma grande reunião em casa e sob a presidencia do Sr. duque de Loulé.

A politica do actual gabinete é radicalmente reaccionaria, sendo que, dos actos, que já tem praticado, conjectura-se que perturbações graves talvez venham a produzir-se.

A questão do Oriente, que em 1855 deu lugar á guerra europea, estava a caminho para o fim de renovar-se. O governo russo, influindo nos estados da Servia, Bulgaria, Montenegro e Moldavia, servindo-se dos representantes dos paizes danubianos como de instrumentos ás suas tendencias e desejos de alargamento de territorio e posse da chave do mar negro, armava-os por meio de seus agentes e armava-se tambem, sendo o fim de taes preparativos bellicos o fazer a Russia pressão sobre o governo da sublime Porta. Pedro o grande no seu testamento aconselhava aos seus successores que nunca perdessem de vista a posse de Constantinopla, porque, firmados os russos com os pés nos Dardanellos, poderiam dar com o knout nos povos do occidente.

Corria que a Russia conta com a aliança da Italia e da Prussia; neste facto está a politica italiana de accordo. Em 1855 o Piemonte uniu-se á França e á

Inglaterra contra a Russia e mandou o seu contingente á Criméa, para que se podesse fazer representar no congresso de Pariz, armando á posse do Milanez e do Veneto contra a Austria. Actualmente a Italia, que deseja apoderar-se de Roma, combaterá em favor da Russia, afim de ver se realisa o seu desejo. A Prussia, que sempre foi russa, arma á derrota completa da Austria e ao desforço sobre a França.

Alguns telegrammas já tiham declarado que o Sr. de Benst, ministro austriaco, expediu despachos aos seus agentes diplomaticos, dando-lhes como certo o máo estado das relações entre a Austria e a Prussia, assim como tambem que as relações entre a Prussia e a Inglaterra não eram satisfactorias.

A França armava-se; e, em caso de conflicto, parece que terá por aliados a Inglaterra e a Austria.

Dado o conflicto, a questão não se limitará somente ao Oriente; a Italia e a Alemanha obterão um resultado qualquer para a obra da unificação inteira dos dous paizes.

No Mexico dá-se como existente a continuação da guerra civil em alguns pontos do interior da republica, e cada vez mais ateada. Afirma-se que o general Porfirio Dias tinha seguido com tres mil homens sob o seu commando para o Iucatán, e que, apesar de haver o presidente Juarez dispensado grande numero de soldados do serviço activo, alguns generaes recusavam-se a cumprir a ordem, mantendo no mesmo pé as suas divisões militares.

Havia sahido do Mexico no vapor de guerra *Jason* o corpo diplomatico inglez, conduzindo consigo todos os papeis e objectos do archivo da legação.

F. REIMAR.

CHRONICA INTERNA.

Passamos do carnaval para a quaresma quasi que sem o menor abalo. Os tres dias do *adeus á carne* foram dias de peixe, pela temperança e samsaboria dos mascarados.

Não houve falta de bailes nem de caravanas, houve falta de boa vontade. Os grupos, espalhados pelas ruas, erão fonebres e caprichosamente mal amanhados; os bailes erão verdadeiros purgatorios e não fazião lembrar os versos do Thomaz Ribeiro:

.....o baile era de mascaras!
era a folia infrene, o doido carnaval!
tropel em turbilhão de sonhos mil phantasticos
o vasto auri-luzente abysmo festival!

Um mundo multicolor, em multiforme vortice!
onde remanda á vida, a uma hora de prazer,
um ente, cada povo; um traje, cada seculo:
sombras que vem folgar, sorrir, desaparecer!

E a dança, a dança infrene! o delirar da muzica!
e o revoltoso prisma á remoinhar sem fim!

festão aberto e esparso a dardejar relampagos!
frangancias d'um salão, delirios de um jardim!

Prazer e febre em tudo! Era um correr electrico
de fremitos de amor! de anseios de prazer!
um desejar sem fim! sopravão filtros lubricos
no aroma, cada flor; no rir, cada mulher!

Pois não foi nada disso o baile de mascara de domingo e em má hora lembrou-se o S. Luiz de dar um quinão no poeta dos *Sons que passam*!

No baile o que havia de estrondoso e barulhento era unicamente a orchestra do Sr. Poppe e o cancan da Sr.^a Bluet.

Falem-me d'isso! Que orchestra, e que cancan!

O maestro Poppe, rodeado de revolvers, de sinos, de tambores, de cegaregas e de *hurrahs*, fazia executar quadrilhas á Musard, e walsas de provocações e desafios!

Porem que gelo espalhado sobre os dansadores! Que mascaras imperturbaveis, bem comportados, cidadãos pacificos, e meditaundos!

Cada um parecia trazer luto por si mesmo, ou pela sua alegria, e todos elles fugião dos profanos desmascarados, e das profanissimas e descabelladas mazurkas!

Como um protesto vivo contra essa monotonia e timidez, a Sr.^a Bluette sacudia-se sem piedade, peneirando o cancan mais endiabrado, hysterico, convulsivo e espasmodico de que ha noticia por este mundo.

Um cu outro mascara espirituoso ou bem vestido atravessava o deserto, bocejando, e retirava-se da ruim companhia dos homens pacatos e dorminhocos, que forão ao theatro por penitencia.

Os apregoados Templarios zombarão dos que esperavão vel-os com os seus trajes historicos. Olhar para aquelles farricocos, na esperança de ver um companheiro de Conrado Walenrod, era uma verdadeira logração.

Disserão-me que com esse traje baratinho é que os antigos Templarios costumavão ir ás mascaradas d'aquelles tempos. Sendo assim...

A caravana dos francezes, se bem que luzida, esteve pouco numerosa.

A Republica Franceza; a *Nympha Brasileira*, Napoleão o Grande, Gentil-Bernard e outros typos da comitiva trajavão com gosto, propriedade e riqueza.

O producto das esmolmas não foi avultado, mas foi a melhor reminiscencia do carnaval, que, em abono da verdade, foi este anno uma grave festa, muito pouco para tir.

Não fui ao baile de terça-feira. Dizem que esteve melhor. Não jejei na quarta-feira de cinza, e adoeci na sexta. Hoje sabado escrevo esta reseña tão ás carreiras, que tropeço neste ponto, o qual será ponto final.

PIETRO DE CASTELLAMARE.

Typ. de B. de Mattos—Imp. por Manoel F. Pires, rua da Paz 7.

ANEXO 9 - Publicação do Conto Gupeva no jornal O JARDIM DAS MARANHENSES.

1862

ANNO I.

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1862.

N. 29.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

Litterario, Moral, Critico e Recreativo.

Subscreve-se nesta Typ a 1\$000 por bimestre — ou 8 ns — A redacção aceita e publica todo e qual quer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 13 DE JANEIRO DE 1862.

Entramos no anno de 1862! O *Jardim das Maranhenses* ainda existe! graças a boa vontade dos Srs. assignantes.

Ei-lo, pois, saudando respeitosamente ao bello sexo, a quem deseja innumeras felicidades e boas entradas de anno; e aos Srs. assignantes, a quem encarecidamente implora o perdão de suas faltas. Conhecemos serem ellas dignas de todo o reparo; mas como foram commettidas involuntariamente, pedimos mil desculpas: e novamente rogamos-lhes continuem á prestar o seu apoio á bem desta pequena, mas util empresa.

Temos lutado com immensas difficuldades, para a sustentação do *Jardim*, mas tambem á risca temos cumprido o seu programma publicado em o n. 1; o qual pretendemos fielmente seguir.

Concluindo este pequeno artigo, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que, com suas bellas produções litterarias,

honrrarão as paginas do nosso acabado jornal; muito especialmente a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis.

Francas estão as paginas do *Jardim* á quem quizer honral-as com seus escriptos, uma vez que estes estejam comprehendidos nas raias da decencia.

Chronica semanaria.

— « Mais vale tarde do que nunca! » — E' o rifão que sempre ouvi a meu avô, e o mesmo com que se escuda agora o *Jardim* para deffender-se das más linguas que Frinnas agourarão sua somnolencia no prelo.

— Ei-lo pois; com o seu amigo o Sr. Anno Novo, acompanhado do invisivel chronista, desmentindo os mortiferos boatos propagados contra a sua reputação, e entrando sem mais preambulos na ordem dos tempos, *tim, tim, por tim, tim, p, a pá*, Santa Justa.

Mas, *in primo loco*, —tenho á dar os bons dias as minhas encantadoras leitoras, desejando-lhes felizes entradas de anno, como tambem certificar-lhes que o corcovado velho,

o quer que fosse de afflictivo, e desagradavel; mas era de mais para suas forças, essa lucta, em que elle em vez de ganhar com a sua logica, perdia consideravelmente. Meditou por algum tempo, e depois disse:

O teu delirio te torna ingrato... mas eu te perdão, não estás em ti. O commandante, passa a noite em terra, aproveita a sua ausencia; ali está uma lancha, vai a terra; mas pela honra, jura-me que antes do amanhecer estarás a bordo.

Juro-te — “ exclamou o moço, lançando-se nos braços do amigo.

Foi um abraço prolongado o desses jovens maritimos, a quem a igualdade de nascimento, e o embate dos mares tinha tão intimamente ligado.

Um momento depois, a lancha cortava mansamente as aguas, deixando após si um rasteiro esbranquiçado.

Acabavam de soar nove horas; a noite era escurissima, e nem sequer uma estrella se pintava no céu. Alberto, seguiu com o seo

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

por

MARIA FIRMINA DOS REIS.

(Continuado do n. 27.)

I.

Prometto-te, querido Alberto — “ interrompeo o moço francez — ” prometto-te que as não farei.

Nesse caso, principia por te deixar cá ficar: não vás, querido amigo, a essa entrevista.

O joven francez, teve então um momento de impaciencia e franzindo o supercilio, disse.

Custa-te, a prestar-me o serviço, que te peço? ... pois bem. Vai-te, e deixa-me com a minha loucura.

Alberto, fixou-o com indesivel tristeza: o coração como que nessa hora presagiava-lhe

chamado hoje o Sr. *Anno passado*, depois de morar-nos em casa 365 dias, aonde plantára toda a sorte de malícias, (menos de dinheiro, que a todos deixou queixosos), levou uma boa dóse de pontapês pelas cadeiras, e posto no *olho da rua*, foi dar a ossada na fonte do Apicum, que então também gemia e praguejava contra o rival—Anil.

—Voltando ao caso, o que dizia eu?

—Ah! sim, queria saber desde que tempo não converso com as minhas encantadoras leitoras, o que *ut ego concilio*; (é latim,) *comment je pense*, (é francez,) se bem me recordo, (isto agora é portuguez,) foi . . . foi antes da festa e exposição dos Educandos Artífices, na qual o *Jardim* inda não tocou se quer de leve. Hoje porem, ainda que tarde cumpre fazê-lo.

Deessem as murmurações

Callem-se a zabumba

Prestem-se as attentões

—Eris 5 horas da tarde d'um dia que dizia a folhinha ser Domingo, atravessava eu muito cansado o immenso areal ao lado do Quarel, que como o Sahara submergia nesse dia os transitantes. Contemplava tristemente o estado á que ficarão reduzidas as minhas pobres calças brancas, quando ouço juacto a mim uma voz que para logo conheci ser a de um sujeito da roça, antigo companheiro de escolla.

—“O! lá meu amigo, me diz elle; até onde *bajuga* Vm.c. essas *gambias*?”

—Ora não sabes? Digo-lhe eu; vou a exposição, para onde tenciono levar-te.

—Sim, me diz elle, eu mesmo já ia nos zi-

ouvido de marítimo, o ruido dos remos, e quando cessou de ouvil-o, exhalou um profundo suspiro, e foi occupar o lugar de Gastão

II.

E aquella bella, e melancholica tarde, succedêra como já dissemos uma noite escura, e feia. As nuvens ameaçavam tempestade, e o vento gemia nas solidões das matas. Entretanto, Gastão, ebrio de felicidade; porque acabava de transpor esse pequeno lençol movediço, que o separava da terra, dessa terra querida, onde hia encontrar a mulher de suas afeições, Gastão, dizemos nós corria como um louco, importando-lhe tanto a escuridão da noite, como lhe tinha importado a belleza arrebatadora da tarde. As nuvens, arqueavam-se negras, sobre os rochedos, por entre os quaes insinuava-se elle louco de esperanças, e de amor. Gastão, corria afadigado, dir-se-hia ter azas, entretanto o caminho parecia-lhe por demais longo. Tardava-lhe ver Epica.

ducandos ver isso, mas, diz-me, o que é *disposição*?

—Quazi rebento de rir-me como a rã da fabula, enfim tomei um ar de conselheiro, franzi o sobr'olho como fazia o meu mestre, escarrei seis vezes como fazem os oradores da época, e fallei:

—Meu amigo, queres então que te diga o que é exposição? Olha, nada mais he do que um lugar aonde se reúnem raridades, preciosidades, celebridades, immoralidades e muitos outros desses nomes que me não vem agora a cachola.

—Então é para ahi que queres levar-me? disse o amigo já meio encordado.

—Calla-te, que na esphera em que habitamos tudo são exposições; em qualquer lugar, tudo e todos estão sujeitos as vistas curiosas de quem quer que seja, pelo que gozamos da mesma faculdade.

—Nisto entramos, a musica executa uma provocadora walsa e as moças circullando por todos os lugares fazião interessante alvoroço.

—Eis aqui, digo eu ao meu *intruzo*, entrando na sala dos *retratos*, eis aonde melhor devemos conhecer-nos. Vê entre aquellas phisionomias mudas, esta paysagem representando um *conde emigrado* affectando a posição de orador. Observa estes delicados trabalhos dos Collegios da Gloria e Soledade, e não deves deixar de bem examinar aquelle lindo quadro de madeira classificado como obra-prima da exposição.

Vê ainda d'aquelle lado, o Tinoco, provo-

Por essas sendas tortuosas, por essas bre-nhas quasi virgens de uma habitação do homem civilizado, por esses lugares, que já não tendo aqui, e ali a selvagem belleza d'uma mata virgem, não tinha também em parte alguma o caracter d'uma povoação, corria velozmente o joven collega de Alberto, sem outra ideia mais que a de encontrar em breve a bella filha do deserto. Nem sempre aos vinte e um annos o homem tem o coração gasto, e resfriado pela sucessão continua de paixões desenfreadas: aos vinte e um annos, ainda o homem não se pode furtar aos transpostes d'um amor puro, sentimento unico na vida, que nos faz virtuosos, que nos aproxima de Deos, que nos purifica a alma, elevando-a nas doçuras d'um extasi, até as regiões do céu.

(Continúa.)